

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

ALEXANDRA ALVES DA COSTA

**A VIOLÊNCIA EM PARNAÍBA – PI: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA SOBRE OS
HOMICÍDIOS DOLOSOS ENTRE 2014 A 2017**

**PARNAÍBA
2018**

ALEXANDRA ALVES DA COSTA

**A VIOLÊNCIA EM PARNAÍBA – PI: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA SOBRE OS
HOMICÍDIOS DOLOSOS ENTRE 2014 A 2017**

Trabalho de conclusão de curso (monografia) apresentado como requisito necessário à Universidade Estadual do Piauí para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Ciências Sociais.

Orientador (a): Professor Dr. Jonas Henrique de Oliveira

PARNAÍBA

2018

ALEXANDRA ALVES DA COSTA

**A VIOLÊNCIA EM PARNAÍBA – PI: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA SOBRE OS
HOMICÍDIOS DOLOSOS ENTRE 2014 A 2017**

Trabalho de conclusão de curso (monografia) apresentado como requisito necessário à Universidade Estadual do Piauí para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Ciências Sociais.

Orientador (a): Professor Dr. Jonas Henrique de Oliveira

Monografia aprovada em ____/____/____

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientador: Professor Dr. Jonas Henrique de Oliveira

1º Examinador:

2º Examinador:

Dedico este trabalho à todas as vítimas de homicídios na cidade de Parnaíba.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte suprema de todo saber e do maior amor do mundo.

Aos meus pais, Francisco e Rosário, por serem a fonte da minha força de vontade de vencer, “*In memorian*” do meu avô materno Francisco Marinho, exemplo de vida.

Ao amigo de sala e da vida, Romualdo Neves, pelo apoio e presteza com que me ajudou durante todo o curso.

Ao orientador, Professor Dr. Jonas Henrique Oliveira, norte seguro na orientação deste trabalho.

Aos coordenadores do curso de ciências sociais Karina Cursino e Pai Clodson que foram incansáveis em nos ajudar sempre.

Aos professores do Curso de Ciências Sociais da Universidade do Estadual do Piauí Campus de Parnaíba, que muito contribuíram para a minha formação sociológica.

Aos funcionários do IML-Instituto Médico Legal da Cidade de Parnaíba.

Aos colegas de classe, pelos momentos que passamos juntos e pelas experiências trocadas.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.

E se todos os homicídios fossem transferidos
para os bairros nobres da cidade?
(Autor Desconhecido)

RESUMO

O presente estudo aborda a temática da violência, dando ênfase a uma análise dos homicídios no município de Parnaíba-PI, tomando como referência os dados estatísticos do mapa da violência e dados oficiais do Instituto Médico Legal do município. Como recursos metodológicos além de intenso estudo bibliográfico, foram realizadas entrevistas abertas com membros da polícia civil do município. A partir dos dados obtidos, foi possível constatar uma incidência acima da média nos casos de homicídios em Parnaíba, bem como a descrição do perfil das vítimas, sendo estas a população pobre e negra da periferia. Por fim a pesquisa também constatou que a violência não é diretamente relacionada pela população e autoridades policiais a outros fatores sociais como a ausência de políticas públicas, mas comumente atrelada à falta de policiamento.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Políticas Públicas. Homicídio.

ABSTRACT

The present study addresses the issue of violence, with emphasis on an analysis of homicides in the city of Parnaíba-PI, taking as reference the statistical data of the violence map and official data of the Medical Legal Institute of the municipality. As methodological resources besides an intense bibliographical study, open interviews with members of the municipal police of the municipality were carried out. From the data obtained, it was possible to verify an above average incidence in the cases of homicides in Parnaíba, as well as the description of the profile of the victims, being these the poor and black population of the periphery. Finally, the survey also found that violence is not directly related by the population and police authorities to other social factors such as the absence of public policies, but usually linked to the lack of policing.

KEY WORDS: Violence. Public Policies. Homicide.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: CONTEXTO EMPÍRICO	12
1.1 TÉCNICAS DE PESQUISA	13
1.2 LIMITAÇÕES DA PESQUISA	16
CAPÍTULO 2: AS IMPLICAÇÕES DA VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE	18
2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA	18
2.1.1 UMA ANÁLISE ACERCA DA VIOLÊNCIA E A PRÁTICA DO HOMICÍDIO	24
2.2 CONCEITO DE VIOLÊNCIA POR UM VIÉS SOCIOLÓGICO.....	26
2.3 A VIOLÊNCIA NO BRASIL	28
2.4 A VIOLÊNCIA EM PARNAÍBA – PIAUÍ	30
2.5 SEGURANÇA PÚBLICA E VIOLÊNCIA	21
CAPÍTULO 3: A VIOLÊNCIA EM PARNAÍBA: ANÁLISE DE DADOS	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

A violência enquanto problema social não constitui em um assunto novo, pois alimenta os noticiários de grandes veículos de comunicação no Brasil, além de ser pauta de discussão, que vai desde o âmbito familiar até o meio político governamental. A violência, todavia, não se concretiza em uma ação puramente física, no sentido de causar danos ao corpo de uma vítima, mas se pulveriza em uma gama de atitudes violentas, dentre as quais se pode mencionar: a violência emocional, psicológica, verbal e simbólica.

No entanto, é válido afirmar que apesar do reconhecimento da diversidade de modos que a violência pode se manifestar, aquelas que causam danos diretos e com consequências irreversíveis como os homicídios, são as que possuem um maior impacto no imaginário social e, conseqüentemente, as que mais fomentam a audiência dos programas policiais, que se auto intitulam “jornalísticos”.

A violência não se resume a um lugar específico, classe ou estado, apesar de ela se apresentar como um fenômeno que permeia toda a sociedade, ou melhor, todas as sociedades constituindo-se como um fato social normal, tomando aqui a perspectiva Durkheimiana. Certos índices de violência são aceitos dentro das sociedades humanas e o próprio Estado se apresenta como o detentor do monopólio legítimo da violência. Entretanto, transpondo certos limites do que é considerado tolerável em cada sociedade, a violência pode ser considerada um fato patológico quando passa a ameaçar a própria organização social.

Reconhecendo que no Brasil a violência ultrapassa esse limite do tolerável para a manutenção do tecido social, a presente pesquisa se debruça, especificamente, sobre a problemática dos homicídios, conceituada dentro do direito brasileiro como doloso, ou seja, quando há a intenção direta de causar a morte do outro.

Possuindo uma característica, por assim dizer, atemporal, a violência se constitui como um objeto de estudo pertinente, tanto por se manter ao longo do tempo e das instituições humanas como um instrumento ligado à prática e posse do “poder”, como diria Weber (1982), como, também, sintoma de revolta e descontrole ou perda do poder institucional sobre o corpo social, afinal como bem salienta Arendt (1968) a violência surge quando cessa a política.

A presente pesquisa tem por objetivo analisar os homicídios dolosos dentro do recorte empírico da cidade de Parnaíba-PI, tomando como parâmetros de referência os aspectos socioeconômicos, demográficos, procurando compreender as manifestações sociais ocasionadas pela violência no município, discutir as causas dos homicídios ocorridos de 2014 a 2017, tomando como principal fonte de dados o Instituto Médico Legal (IML) de Parnaíba

Além do IML do município, a delegacia civil, também, se constituiu como centro de coleta de dados para o presente trabalho, tendo em vista que o tipo específico de violência abordada neste texto está, diretamente, relacionado ao trabalho policial, diferente do que acontece com a violência simbólica, por exemplo, que mais, raramente, chega a compor um boletim de ocorrência.

Diante disso, apresenta-se as seguintes questões norteadoras: quantos e quem são as vítimas de homicídios no município de Parnaíba – PI anualmente? Quais fatores sociais que contribuem para essa situação atual?

Divulgada, constantemente, nos noticiários locais e disseminada pelas redes sociais, nas quais as fotos de cadáveres circulam em uma extrema velocidade, a violência passa por um processo de banalização, na qual é naturalizada em seu viés patológico, sendo a brutalidade e incidência dos crimes catalogados em uma soma que não chega a surpreender. Não obstante, falar de homicídios e latrocínios na referida cidade requer certo cuidado, tendo em vista que, nem todos os casos caem sob o signo da normalidade, por vezes, existe intensa comoção social, especialmente, quando os vitimados não fazem parte dos grupos marginalizados da sociedade ou residem nas zonas mais nobres da cidade.

Diante disso, a pesquisa seguirá uma divisão de capítulos, que desenvolvam a temática da violência até chegar ao *locus* específico do trabalho. O primeiro capítulo realiza uma discussão metodológica em torno daqueles instrumentos, que foram adotados ao longo da pesquisa, isso desde uma perspectiva epistemológica até a descrição prática dos passos tomados para obtenção dos dados.

O segundo capítulo desenvolve uma abordagem mais teórica sobre a violência, apresentando seus aspectos conceituais, históricos e culturais. O estudo propõe um aprofundamento no conceito de violência, e como a mesma se constitui de forma histórica na sociedade. Este capítulo adentrará na temática central da pesquisa, tendo em vista que a violência é um fenômeno social e dinâmico. Ainda no segundo capítulo se explicita, também, a violência no Brasil que, em uma perspectiva histórica, parte do próprio processo de formação do estado brasileiro que possui nas suas bases intensa raiz escravagista, na qual a violência por muito tempo era o instrumento de resolução de disputas para além do controle estatal. Violência, que se atualiza em novos moldes, mas não sobre novos alvos, como bem acusam os índices no Mapa da Violência do ano de 2016, o qual denota um total de 59.627 mil homicídios em 2014, uma alta de 21,9% em comparação aos 48.909 óbitos registrados em 2003, a média de 29,1 para cada grupo de 145 mil habitantes, também é a maior já registrada na história do país, e representa uma alta de 10% em comparação à média de 26,5 registrada em 2004. Este

capítulo, ainda, aborda questões de segurança pública, tendo em vista que a falta de políticas públicas pode ocasionar de forma devastadora o aumento dos índices de homicídios.

O terceiro capítulo se concentra no foco empírico da pesquisa o município de Parnaíba – Piauí, nele serão explicitados os gráficos com os dados coletados no Instituto Médico Legal (IML) e na Delegacia Civil da referida cidade, associando os dados coletados com pressupostos teóricos, que nortearam a pesquisa. O referido capítulo é de grande relevância e salienta a realidade vivenciada no município estudado.

Esperamos que o presente trabalho possa contribuir para desvendar o fenômeno da violência no município de Parnaíba-PI. Sabemos das limitações de um trabalho monográfico, mas esperamos que o mesmo seja útil para a discussão da violência no Estado do Piauí e, além disso, possa inspirar outros pesquisadores a trilhar o caminho da pesquisa e desvendar esse fenômeno que se revela complexo, mas intensamente desafiador para a análise sociológica.

CAPÍTULO 1

CONTEXTO EMPÍRICO

Esta pesquisa foi realizada na cidade de Parnaíba, interior do estado do Piauí, especificamente no Instituto Médico Legal (IML), optamos por este recorte empírico porque são dois locais que possuem dados consistente sobre os homicídios na cidade. No IML, nos dirigimos aos registros de óbitos, o que, aparentemente, nos conduziu a uma interpretação mais objetiva dos crimes que resultaram em homicídios, tendo em vista que a pesquisa pretende analisar homicídios dolosos, realizados por arma de fogo ou arma branca, na intenção de fundamentar um estudo mais conciso sobre este fenômeno.

O ambiente de pesquisa dispunha de um número considerável de funcionários, o que nos facilitou a melhor catalogação do material empírico, tendo em vista a disponibilidade dos dados que foram consultados. Vale ressaltar que, no IML, o médico legista é uma figura indispensável para a realização dos trabalhos desenvolvidos neste ambiente, principalmente, no que diz respeito ao parecer dos homicídios qualificados dolosos.

O IML é um espaço de grande complexidade, uma vez que são feitas análises sobre diversos tipos de óbitos por seus especialistas. É esta instituição pública que se responsabiliza pela análise técnica e científica de laudos cadavéricos e necropsias, sendo, diretamente, vinculada à polícia científica do estado. Desse modo, o IML da cidade de Parnaíba possui um quadro de funcionários dividido em: sete médicos legistas, nove peritos criminais, um auxiliar de necropsia, três servidores no cartório, nove servidores terceirizados, para serviços de apoio (motoristas, recepção, faxineiro, auxiliar administrativo). Vale ressaltar que, este Instituto Médico Legal atende não só a demanda da cidade de Parnaíba, mas, também, 19 municípios da Região Norte do estado do Piauí. Segundo informações da instituição, o número de funcionários condiz com diretrizes regulamentares para o seu funcionamento. Entretanto, torna-se insuficiente devido à grande demanda da região. Observamos, que mesmo com um corpo técnico insuficiente e com recursos limitados, existe um empenho, por parte dos seus funcionários em atender as ocorrências ali registradas.

A estrutura física do IML apresenta certa precariedade, mas possui salas que possibilita a realização do trabalho. O seu complexo arquitetônico, desse modo, possui uma recepção e salas específicas para realização de cada trabalho, como, por exemplo, ambientes destinados a receber os corpos e um espaço destinado à refrigeração dos mesmos. Ao emitir laudos técnicos, que identifiquem a causa da morte, cabe ao IML a liberação dos corpos para

os familiares, já os corpos, que porventura não forem reclamados por algum responsável será enterrado como indigente.

Durante a realização desta pesquisa tivemos acesso a sala de arquivos e pudemos catalogar vários registros e informações sobre os homicídios na cidade de Parnaíba. Cabe aqui ressaltar que durante todo o trabalho de campo feito no IML, procuramos manter total sigilo e discrição relativo as informações coletadas, pois nosso acesso só foi possível devido à importância acadêmica desta pesquisa, que depois de justificada ao coordenador geral, e em posse de um termo de responsabilidade e confiabilidade assinado, é que recebemos autorização para realizar a pesquisa. Ficou, ainda, bem claro e estabelecido no termo, que nenhuma informação seria divulgada ou vinculada fora do ambiente acadêmico.

Os funcionários mostraram-se prestativos e dispostos a colaborar com a realização da pesquisa, facilitando a coleta de informações que precisaríamos para o desenvolvimento do trabalho. Desse modo, conseguimos catalogar dados tais como: gênero, bairros, idade, tipo de arma e o ano de cada homicídio ocorrido na cidade de Parnaíba. Foram analisados 117 prontuários, entretanto com devidas restrições estabelecidas pela instituição.

A identificação dos dados ocorreu mediante a leitura de todos os laudos periciais e criminais de cada prática de homicídio, assim, como suas especificidades e, apesar de não utilizar todas as informações, foi de suma importância para uma melhor compreensão de todo o contexto situacional em que os homicídios aconteceram.

1.1 TÉCNICAS DE PESQUISA

Utilizamos duas técnicas para compreender a temática estudada: a primeira consiste em realizar uma pesquisa bibliográfica e a segunda fizemos um levantamento dos dados empíricos. Foi através da pesquisa bibliográfica, que tivemos o primeiro contato conceitual sobre o fenômeno estudado. Vejamos o que nos diz Freitas e Prodanov (2013, p. 54) sobre o que consiste em uma pesquisa bibliográfica:

Pesquisa bibliográfica: quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Em relação aos dados coletados na internet, devemos atentar à confiabilidade e fidelidade das fontes consultadas eletronicamente. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos,

observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar.

A definição de pesquisa bibliográfica, segundo os autores citados, condiz com a elaboração deste trabalho monográfico, em que procuramos corroborar nossa observação empírica através de diversas fontes, a fim de destacar pressupostos importantes para dar consistência ao material empírico. Ainda segundo Freitas e Podanov (2013, p. 55) é válido salientar que: “os demais tipos de pesquisa também envolvem o estudo bibliográfico, pois todas as pesquisas necessitam de um referencial teórico. Para a pesquisa bibliográfica, é interessante utilizar as fichas de leitura, que facilitam a organização das informações obtidas”. Neste sentido, compreendemos que toda pesquisa de campo requer uma análise criteriosa sobre o fenômeno estudados, bem como nos direciona para um melhor entendimento dos aspectos empíricos que observamos.

Ainda, sobre os recursos metodológicos utilizados, vale aqui tentarmos descrever o que compreendemos como pesquisa de campo. Desse modo, compreendemos que o pesquisador possui um contato mais íntimo com o fenômeno de estudo, em que o mesmo busca observar determinado contexto empírico, relativamente, imparcial e munido dos recursos necessários para o desenvolvimento do trabalho de intervenção. Segundo Freitas e Prodanov (2013, p.59):

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta ou de uma hipótese que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los.

Compreendemos que a pesquisa de campo só pode ser realizada após a pesquisa bibliográfica, uma vez que o pesquisador adentra no âmago da sua pesquisa através de um conhecimento anterior sobre aquele fenômeno que propõe estudar. A partir de um estudo bibliográfico, o pesquisador também cria ações que fundamentam sua pesquisa em campo segundo as referências conceituais e teóricas que melhor se adequem a coleta de informações e dados para realização da pesquisa.

As fases da pesquisa de campo requerem, em primeiro lugar, a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão. Ela servirá, como primeiro passo, para sabermos em que estado se encontra atualmente o problema, que trabalhos já foram realizados a respeito e quais são as opiniões

reinantes sobre o assunto. Como segundo passo, permitirá que estabeleçamos um modelo teórico inicial de referência, da mesma forma que auxiliará na determinação das variáveis e na elaboração do plano geral da pesquisa. (FREITAS; PRODANOV, 2013, p. 59)

A partir da definição de Freitas e Prodanov (2013) compreendemos que é de suma importância destacar as abordagens metodológicas estabelecidas na presente pesquisa, principalmente, quando se trata de uma análise empírica posterior a uma apreciação bibliográfica do fenômeno pesquisado. Este panorama nos conduziu, na intenção de dar mais respaldo a esta monografia, a uma abordagem qualitativa e quantitativa dos dados coletados em campo. Segundo Gil (2004, p.133) compreende-se como análise qualitativa e quantitativa:

A análise qualitativa é menos formal do que a análise quantitativa, pois nesta última seus passos podem ser definidos de maneira relativamente simples. A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório.

A análise qualitativa corresponde à necessidade de demonstrar e avaliar com mais critério e cautela os dados, que foram coletados durante o trabalho de pesquisa. Isso, também, implica uma escolha teórica e metodológica assumida pelo pesquisador, assim como vai possibilitar uma coleta de dados direcionada a busca de resultados específicos. Neste sentido, nesta pesquisa utilizamos uma abordagem qualitativa, a fim de demonstrar consistência e profundidade no trabalho monográfico. Buscamos, também, trabalhar com dados quantitativos, principalmente, referentes a análise estatísticas sobre os homicídios em Parnaíba. Tendo em vista que essa monografia trata de uma determinada quantidade de homicídios, que ocorreram entre 2014 a 2017, buscamos compreender, estatisticamente, números significativos sobre a violência nesta cidade, recorte principal do nosso trabalho.

Pesquisa quantitativa: considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão etc.). No desenvolvimento da pesquisa de natureza quantitativa, devemos formular hipóteses e classificar a relação entre as variáveis para garantir a precisão dos resultados, evitando contradições no processo de análise e interpretação (FREITAS; PRODANOV, 2013, p. 70).

Acreditamos que a pesquisa quantitativa estabelece critérios de valoração em números acerca do objeto estudado. Portanto, é de suma importância explicitar os conceitos, que abordam os significados sobre a pesquisa qualitativa e quantitativa, no intuito de promover a compreensão de ambos os métodos nos objetivos desta monografia.

Além das características metodológicas descritas acima, procuramos classificar a presente monografia, também, como descritiva. Segundo Freitas e Pradanov (2013), na pesquisa descritiva, o pesquisador adentrará no âmago do fenômeno estudado, porém não haverá intervenção direta deste. Todavia, se busca transcrever todo o processo de realização da pesquisa de acordo com a realidade que lhe foi apresentada. Pesquisa descritiva é aquela em que:

Visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento. Tal pesquisa observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador. Procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos. Assim, para coletar tais dados, utiliza-se de técnicas específicas, dentre as quais se destacam a entrevista, o formulário, o questionário, o teste e a observação (FREITAS; PRODANOV, 2013, p. 52).

Desse modo, classificamos a referida monografia sobre uma ordem metodológica definida segundo: a) bibliográfica, b) pesquisa de campo, c) abordagens qualitativas e quantitativa, d) descritiva. Procuramos, neste sentido, descrever esta pesquisa de acordo com estas classificações metodológicas, visando fazer um recorte sobre a violência, através dos homicídios dolosos e latrocínios, entre os anos de 2014 a 2017, na cidade de Parnaíba, no estado do Piauí. Pretendemos, assim, como outras pesquisas que tratam deste fenômeno específico, lançar reflexões teóricas e metodológicas, bem como contribuir para um melhor entendimento do fenômeno do homicídio nesta cidade.

1.2 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Buscaremos, brevemente, descrever as dificuldades relativas ao trabalho de campo. Como, aparentemente, fomos os primeiros a fazer pesquisa no IML de Parnaíba, encontramos, em um primeiro momento, resistência a nos conceder acesso aos dados. A primeira dificuldade de pesquisa de campo foi coletar informações e dados no IML, pois no que diz respeito aos homicídios, todas as informações são de uso restrito a instituição. Percebemos certo receio dos

funcionários em nos conceder quaisquer informações. Não obstante, como havíamos comentado antes, conseguimos assumir um compromisso com a direção do IML de responsabilidade e cautela no uso das informações.

A segunda dificuldade foi, precisamente, após a autorização da pesquisa, realizar a catalogação das informações e dados utilizados no trabalho, uma vez, que todos os documentos, estavam disponíveis apenas em fichas e prontuários de papel, o que, conseqüentemente, protelou nossa coleta de dados. Percebemos, também, que dados que poderiam estar disponíveis em computadores, dificultava ao referido órgão a catalogação sistemática e organizada dos homicídios ali registrados. Supomos, então, que a falta de recursos informatizados, como computadores e softwares eficientes, onde pudessem armazenar com mais cautela as informações dos prontuários em redes de computadores, facilitaria o trabalho do IML, bem como evitaria perda de ocorrências, registros e informações dos óbitos. Não existe, desse modo, uma rede de compartilhamento, por meios tecnológicos, dos registros dos homicídios no estado do Piauí o que, para nós, aparentemente, facilitaria o trabalho da polícia científica, bem como ações, que contribuíssem para uma possível política pública de segurança no Estado.

CAPÍTULO 2

AS IMPLICAÇÕES DA VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE

A violência é um conceito que abarca várias características e modalidades, ou seja, não se pode falar de violência como algo diminuto, a palavra em si traz uma carga histórica, cultural e estrutural dentro do conjunto social brasileiro, que nos remete a inúmeras interpretações diferentes, dependendo apenas de cada olhar. O processo de construção social da violência e das estratégias de segurança pública, por exemplo, é uma delas que inclui a criação de uma classe perigosa, localizando as ações violentas num setor específico da sociedade e imunizando outra parcela da população da estigmatização pública. A defesa é a de que há uma “classe perigosa”, que deve ser mantida sob controle criando uma definição prévia de quem é perigoso na sociedade e quem não é. Vivenciamos, na verdade, a criminalização da pobreza. Zaluar (2000, p. 18) afirma que: “uma das técnicas repressivas é a estigmatização de quem se quer reprimir. O espelho que se constrói agora no Brasil é este: pobre, criminoso, perigoso”.

A violência vem se incrustando na sociedade como algo que gera medo, temor e que implica, diretamente, nas relações sociais, tendo em vista que o ser humano possui cada vez mais dificuldade em manter relações pautadas em confiança, visto que “[...] a confiança interpessoal é seguramente uma qualidade desejável em qualquer relação próxima” (DIAS et al., 2018, p. 27), inclusive nas relações sociais, onde quando a mesma é rompida a apreensão toma espaço no cotidiano da sociedade.

A violência no Brasil, portanto, possui pressupostos antiquíssimos, em determinadas situações observaram-se muitas mortes, nas guerras locais da república velha, na época do coronelismo, e na ditadura militar, onde várias pessoas, por não se enquadrarem nas ideias do governo sofreram tortura e até mesmo morreram diante da situação em que se encontravam, a referida época delegou ao Brasil um número inexato de mortes devido a grande quantidade.

2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA

É sabido que falar em violência é suscitar uma discussão de grandes proporções, pois a violência assume diversos aspectos, mediante o contexto em que está inserida. Vale destacar que “a violência é compreendida como um problema de saúde pública” (COELHO; GRÜDTNER; LINDNER, 2014, p. 12). Sendo assim, tal prática adentra em diferentes contextos e age, diretamente, na sociedade como um todo.

A violência, em seus mais variados significados, tem uma larga extensão de explicações. Segundo Zaluar (1999, p. 11): "essa força física torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras, que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica". Além da violência física, Zaluar (1999) aponta outros tipos de violência, como: a tortura, a violência sexual, a violência psicológica e a violência simbólica; onde esta última é abordada por Bourdieu (2012), tendo em vista que a mesma ocorre com sutileza, muitas vezes camuflada em pseudo-sentimentos, e ignorada por aqueles que a vivenciam, devido a mesma não gerar agressões físicas.

É comum acreditarmos que a violência seja um fenômeno recente em nossa sociedade, que se expandiu a partir década de 1970. Porém, a maneira como se estruturou a história da sociedade brasileira, desde a colonização em sua formação sócio-histórica-cultural traz o objeto violência presente em todos os momentos registrados na história.

Mesmo que o foco de historiadores e sociólogos em suas pesquisas tenha sido explicar a construção política/econômica e social do Brasil, cada um com sua singularidade, mas podemos constatar a “violência” como algo comum e presente em todas elas, principalmente, por seus grupos dominantes, tendo como justificativa manter a ordem social.

Quando se pretende analisar a questão da violência nas grandes cidades brasileiras, a base da qual se deve partir é do fato de que, embora historicamente a sociedade brasileira tenha sido construída com o recurso constante à violência, esta tem sido sistematicamente negada a nível ideológico (OLIVEN, 2010, p. 13).

Assim, pensar essa organização a partir da colonização no Brasil é fazer uma reflexão ao objeto exposto a “violência”, que vem assolando a sociedade desde muito tempo, onde os grupos dominantes buscavam demonstrar passividade, idealizando uma civilidade, que nunca existiu, claro que vamos encontrar grupos que estão entre as maiores vítimas dessa violência como: escravos, mulheres, crianças, moradores de rua etc.

A violência muitas vezes não é uma atitude vergonhosa, mas valorizada positivamente, dependendo de seu contexto e isso, de certo modo, está na cultura popular brasileira. Para dar ênfase nesta afirmação recorreremos ao pensamento de Oliven (2010), que enfatizam a presença da violência na cultura, e em especial, na música, utilizando como exemplo o samba, onde as composições aludem ao contexto violento, que permeia a cultura e política brasileira “marginalizando” de antemão determinados seguimentos da sociedade, naturalizando a violência contra os indivíduos que deles fazem parte. Segue a letra da música.

Olha o Padilha (MOREIRA FRANCO, 1958)¹

Pra se topar uma encrenca basta andar distraído
 que ela um dia aparece
 Não adianta fazer prece
 Eu vinha ante ontem lá da gafeira
 com a minha nega Cecília
 quando gritaram: Olha o Padilha
 Antes que eu me desguiasse
 um tira forte aborrecido me abotoou
 e disse: Tu és o Nono
 Mas eu me chamo Francisco
 Trabalho como mouro sou estivador
 Posso provar ao senhor

Nisso um moço de óculos ray-ban
 me deu um pescoção
 Bati com a cara no chão
 E foi dizendo eu só queria saber quem disse que és trabalhador
 tu és salafra acharcador
 essa mulher ao seu lado é uma mina mais forte que o Banco do Brasil
 eu manjo ao longe esse tiziu
 e jogou uma melancia, pela minha calça adentro e se enganchou no funil
 eu bambiei ele sorriu

Apanhou uma tesoura e o resultado dessa operação é que a calça virou
 calção
 na chefatura um barbeiro sorridente estava a minha espera
 ele ordenou: Raspe o cabelo dessa fera
 Não está direito seu Padilha
 me deixar com o coco raspado
 eu apanhei um resfriado, isso não é brincadeira
 Pois o meu apelido era Chico cabeleira
 Não volto mais a gafeira ele quer ver minha caveira

Eu hein? Se eu não me desguio a tempo ele me raspa até as axilas. O homi é
 de morte.

O militarismo no Brasil percebido na letra do samba de Moreira no ano de 1958, continua em voga e pode ser notado ainda quatro décadas depois, através da letra de Caetano Veloso numa faixa gravada em 1993. Segue abaixo a letra do referido compositor:

Quando você for convidado pra subir no adro
 Da fundação casa de Jorge Amado
 Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
 Dando porrada na nuca de malandros pretos
 De ladrões mulatos e outros quase brancos
 Tratados como pretos
 Só pra mostrar aos outros quase pretos

¹ SILVA, Moreira da. **Olha o Padilha**. Disponível em: < <https://www.lettras.mus.br/moreira-da-silva/564414/>>
 Acesso em: 8 de ago. de 2018.

(E são quase todos pretos)
 E aos quase brancos pobres como pretos
 Como é que pretos, pobres e mulatos
 E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados
 E não importa se os olhos do mundo inteiro
 Possam estar por um momento voltados para o largo
 Onde os escravos eram castigados
 E hoje um batuque um batuque
 Com a pureza de meninos uniformizados de escola secundária
 Em dia de parada
 E a grandeza épica de um povo em formação
 Nos atrai, nos deslumbra e estimula
 Não importa nada:
 Nem o traço do sobrado
 Nem a lente do fantástico,
 Nem o disco de Paul Simon
 Ninguém, ninguém é cidadão
 Se você for a festa do pelô, e se você não for
 Pense no Haiti, reze pelo Haiti
 O Haiti é aqui
 O Haiti não é aqui
 E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado
 Diante de qualquer, mas qualquer mesmo, qualquer, qualquer
 Plano de educação que pareça fácil
 Que pareça fácil e rápido
 E vá representar uma ameaça de democratização
 Do ensino do primeiro grau
 E se esse mesmo deputado defender a adoção da pena capital
 E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no feto
 E nenhum no marginal
 E se, ao furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual
 Notar um homem mijando na esquina da rua sobre um saco
 Brilhante de lixo do Leblon
 E quando ouvir o silêncio sorridente de São Paulo
 Diante da chacina
 111 presos indefesos, mas presos são quase todos pretos
 Ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres
 E pobres são como podres e todos sabem como se tratam os pretos
 E quando você for dar uma volta no Caribe
 E quando for trepar sem camisinha
 E apresentar sua participação inteligente no bloqueio a Cuba
 Pense no Haiti, reze pelo Haiti
 O Haiti é aqui
 O Haiti não é aqui
 (Haiti, Caetano Veloso e Gilberto Gil, 1993)²

Haiti é uma música impactante, porque abordou de peito aberto o massacre do Carandiru, aquela truculência de estado contra pobres presos indefesos, truculência que a classe média aplaudia, e que Caetano e Gil denunciam de modo corajoso, justamente ao celebrarem os 25

² VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto. **Haiti**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/moreira-da-silva/564414/>> Acesso em: 5 de ago. de 2018.

anos da Tropicália. Através da letra, os compositores demonstram, novamente, essa naturalização da violência como algo legítimo quando voltada para oprimir o negro e o pobre, essas figuras que diante do imaginário social, aparecem como os portadores por excelência do “perigo” à sociedade. O tema permanece tão atual quanto na época do samba de Moreira em 1958.

No entanto, a violência não é um elemento cativo das classes menos abastadas, ou um signo ligado a raça, nem mesmo, como diria Durkheim, ela chega a ser um fato patológico dentro de uma sociedade, ela está presente, também, nas elites econômicas e sociais, no entanto, com menos holofote e de forma desnaturalizada, o “mal” que se encarna no corpo negro, pobre e favelado se torna “problema emocional/mental” na elite branca do país.

A violência no Brasil é algo que possui um viés histórico, como pontuado à priori, tendo um início perceptível com as chegadas dos portugueses no período colonial, onde o mesmo ocasionou um genocídio de índios marcantes para a História do Brasil, tendo em vista que os mesmos tiveram seus direitos violados e mortos por questões sócio-políticas (WILL, 2014).

A escravidão também fora considerada uma forma de violência no período colonial, que estendeu-se por mais de trezentos anos. Neste período os escravos eram subjugados para oferecer mão de obra aos burgueses de pele branca e origens nobres, onde os escravos passaram por momentos em que tinham esperanças da mudança e outros momentos em que viam-se sem saída em sua trajetória de vida, mesmo quando a alforria lhes foi prometida (MARQUESE, 2009). A violência no Brasil, possui pressupostos culturais e estruturais durante ao longo desenvolvimennto histórico/sócio/econômico até os dias atuais.

Assim, a violência no Brasil possibilita analisarmos um possível enraizamento cultural da violência. Vianna (1999) apresenta um termo que fora muito utilizado no passado colonial chamado “banditismo coletivo”. Este termo nada mais é que uma representação da violência, realizado através de assassinatos, depredações, e etc. Vejamos um trecho complementar:

Outra instituição do nosso direito público - geral em todo o país nos começos da nossa colonização, mas hoje localizada num limitado setor das regiões nordestinas - é o banditismo coletivo, com as suas hordas irregulares e erradias de "cangaceiros". Desse banditismo coletivo decorrem certos usos e costumes de violência, depredações, assassinatos, cercos de cidades com seus resgates, correntes nos altos sertões do Nordeste e do vale do São Francisco (VIANNA, 1999, p. 190).

O banditismo coletivo era uma prática de violência iniciada no período colonial e, por conseguinte, assolou o Nordeste. A repressão existente no passado, também contribuiu para que a violência pudesse se incrustar na sociedade, tendo em vista que o ato de reprimir denota ao repressor a ideia de poder, onde o mesmo será sempre superior aqueles que estão sendo reprimidos. É importante compreender que a violência é um retrato do período colonial, sendo praticada contra escravos com o intuito de gerar manutenção no tráfico e, conseqüentemente, da escravidão.

Na República Velha (1889-1930) não era diferente, a prática de violência era notória, principalmente, no que diz respeito ao voto; onde determinadas pessoas viam-se obrigadas a votar para não provocar ira dos superiores da época, fator que, a nosso ver, está interligado com o que acontece atualmente.

Em certas circunstâncias, as ameaças e violências desempenham função primordial, porque semelhantes processos podem, por vezes, garantir o governo municipal à corrente local menos prestigiada. Mas a regra não é esta: a regra é o recurso simultâneo ao favor e ao porrete. Compreende-se isso perfeitamente, quando se considera que à situação dominante no Estado o que interessa é consolidar-se com o mínimo de violência. A não ser um desequilibrado, ninguém pratica o mal pelo mal: em política, principalmente, recorre-se à violência quando outros processos são mais morosos, ou ineficazes, para o fim visado (LEAL, 1949, p. 35).

O trecho acima salienta que o Estado pregava a pacificidade, porém a prática era diferente, principalmente, devido o mesmo ser o detentor de poder perante a sociedade. Leal (1949) afirma, ainda, que na época de votação o maior número de votos, com menor dispêndio de favores culminava na diminuição da violência, caso contrário, a referida prática sofria aumento perante o eleitorado.

Diante disso, compreende-se que a violência, em sua perspectiva histórica, acontece em diversos momentos em que determinadas classes mostram-se dominantes às outras, como explicitado nas discussões acima. E assim, observa-se que a violência, na contemporaneidade, não se apresenta diferente do passado em relação a maldade do ser humano, mas tal prática nos dias atuais é percebido por ambas as classes tanto a dominada como a dominante.

É sabido que: “[...] a violência esteve incorporada regularmente ao cotidiano dos homens livres, libertos e escravizados, apresentando-se via de regra como solução para os conflitos sociais e para o desfecho de tensões nas relações intersubjetivas” (ADORNO, 1996, p. 50). E assim, o referido autor concebe tal prática como algo tradicional no Brasil, onde desde

os primórdios a violência existe e continua se instaurando como algo que serve para solucionar conflitos mal resolvidos entre as pessoas na sociedade brasileira. Observa-se o trecho abaixo:

Ao longo de mais de cem anos de vida republicana, a violência em suas múltiplas formas de manifestação permaneceu enraizada como modo costumeiro, institucionalizado e positivamente valorizado - isto é, moralmente imperativo - de solução de conflitos decorrentes das diferenças étnicas, de gênero, de classe, de propriedade e de riqueza, de poder, de privilégio, de prestígio. Permaneceu atravessando todo o tecido social, penetrando em seus espaços mais recônditos e se instalando resolutamente nas instituições sociais e políticas em princípio destinadas a ofertar segurança e proteção aos cidadãos. Trata-se de formas de violência que imbricam e conectam atores e instituições, base sob a qual se constitui uma densa rede de solidariedade entre espaços institucionais tão díspares como família, trabalho, escola, polícia, prisões tudo convergindo para a afirmação de uma sorte de subjetividade autoritária na sociedade brasileira (ADORNO, 1996, p. 51).

Observa-se no pensamento acima que a violência permaneceu enraizada em situações costumeiras, tendo em vista que a mesma estava associada às relações de poder, isto é, a mesma era uma medida para solucionar conflitos de diferenças étnicas, de gênero, de classe, propriedade, riqueza, poder e privilégio.

É com a industrialização que se observa a existência de linhas mais nítidas e definidoras de uma dinâmica urbana e política no Brasil que, mesmo com avanços tecnológicos e a modernização de um modo geral, veio acompanhado de um crescimento da violência exacerbado (OLIVEN, 2010).

Hoje em dia atos violentos são reproduzidos, constantemente, nos ciclos midiáticos, muitos deles culminado em mortes de pessoas ricas, pobres, negras, brancas, crianças, mulheres e idosos; observa-se, então que o problema da violência tomou grandes proporções, acoplando-se à sociedade de maneira multifocal.

No entanto ainda existe um contraste das situações de violência na sociedade, visto que sua prática está presente em maiores proporções nas áreas de periferia da cidade. Sendo assim, discorrer sobre a violência é buscar os mais diversos pressupostos que possam conceituá-la de forma relevante e condizente com a realidade social. Adorno (2002, p. 7) aponta que:

Desde meados da década de 1970, vem-se exacerbando, no Brasil, o sentimento de medo e insegurança. Não parece infundado esse sentimento. As estatísticas oficiais de criminalidade indicam, a partir dessa década, a aceleração do crescimento de todas as modalidades delituosas. Crescem mais rápido os crimes que envolvem a prática de violência como os homicídios, os roubos, os sequestros, os estupros. Esse crescimento veio acompanhado de

mudanças substantivas nos padrões de criminalidade individual bem como no perfil das pessoas envolvidas com a delinquência.

O quadro da violência, especificamente, no Brasil, é apresentado por Adorno como um problema que ganha força e aceleração nas taxas de violência, levando em consideração o crescimento de crimes associados à violência. Antes esse aumento da violência, os homicídios eram mais comuns nas capitais e cidades grandes, porém o que vem se afirmando nos últimos anos é o aumento do medo e insegurança nas pequenas cidades, por conta do aumento da violência e que, nas últimas décadas, tem assolando todo o território brasileiro.

2.1.1 UMA ANÁLISE ACERCA DA VIOLÊNCIA E A PRÁTICA DO HOMICÍDIO

Na literatura sociológica há um grande número de livros e artigos que abordam o medo do crime entre pessoas maduras.

[...] grande parte desta literatura se preocupa com o significado de duas observações: 1 – as pessoas maduras são menos prováveis a ser vitimadas pelo crime. 2 – elas são mais prováveis a temer o crime. Uma explicação para esta discrepância é que as pessoas maduras têm um medo exagerado com relação ao crime (BLYTHER et al, 2004, p. 403).

Neste contexto, o ser humano adquiriu uma gama de contatos com a violência e com os malefícios acarretados pela mesma e diante disso vem sofrendo o problema de aprender a conviver com tal situação, julgada como normal no contexto social. No entanto, tal questão não pode surgir ou ser compreendida como um fenômeno normal, pois gera impactos de grandes proporções na sociedade (ADORNO, 1996). Estes impactos podem ser através da prática de homicídios, aumento da morbimortalidade humana decorrente de violência, medo e apreensão da população, etc.

A mídia vem apresentando tal prática como algo que “já era de se esperar”, e que a mesma parece ter se institucionalizado em nossa sociedade. Notícias de violências são diárias em jornais e sites que se ocupam, primordialmente, em veicular notícias, independentemente de seu conteúdo, para garantir audiência. Portanto, a violência vem firmando raízes na sociedade contemporânea e, diante disso, o medo vem assolando a sociedade, tendo em vista que tal prática torna-se cada vez mais presente desde a esfera social (geral) até a esfera social específica (família, escola, igrejas, etc.).

Existem visões filosóficas que compreendem a violência pela ausência do bem na humanidade, onde o racismo, o bullying e o preconceito, são fatos que correspondem a uma mazela social, que podem acarretar em atos violentos; ou seja, as pessoas estão praticando a violência de forma constante, sem importar-se com as consequências e com o mal que causará a outrem.

A violência pode assumir o controle da sociedade, ela está incrustada em pequenos atos involuntários do ser humano, em palavras de ódio e rancor, na falta de ajuda para aqueles que necessitam e diversas outras ações que a sociedade não considera como violência (TOSI, 2017, p. 8).

É importante ressaltar que a legitimidade da violência aceita pelas pessoas, faz com que a violência ganhe força, muitas vezes chegando ao homicídio. Sepulveda (2015, p. 7) assinala que:

A frieza para pegar o telefone celular e filmar as imagens, por mais mórbidas que possam parecer, ao invés de ajudar as vítimas também pode ser encontrada em outro vídeo veiculado pelo portal Globo.com. Nas imagens, é possível ver uma mulher sendo agredida por outra, na frente do filho de dois anos. O mais chocante nas imagens não é a agressão em si, mas o fato de que várias pessoas pararam para filmar a cena, sem se preocupar em ajudar a pessoa agredida. O único a tentar separar a briga foi o filho da agredida, que tentava chutar a mulher que batia em sua mãe.

O ato de filmar práticas de violência tornou-se comum na atual sociedade; as pessoas preocupam-se mais em registrar o que está acontecendo do que intervir para acabar com a prática de violência observada. Mediante este cenário de violência, as redes sociais vêm a contribuir através do ato de repassar vídeos e imagens de espancamento, abusos sexuais, crianças sendo violentadas de forma física, e até mesmo homicídios. A sociedade virou plateia da violência contribuindo para a ascensão da mesma. Segundo Arendt:

Uma vez que a violência – distinta do poder, força ou vigor – necessita sempre de instrumentos (conforme afirmou Engels há muito tempo atrás), a revolução da tecnologia, uma revolução nos processos de fabricação, manifestou-se de forma especial no conflito armado. A própria substância da violência é regida pela categoria meio/objetivo cuja mais importante característica, se aplicada às atividades humanas, foi sempre a de que os fins correm o perigo de serem dominados pelos meios, que justificam e que são necessários para alcançá-los. Uma vez que os propósitos da atividade humana, distintos que são dos produtos finais da fabricação, não podem jamais ser previstos com segurança, os meios empregados para se alcançar objetivos políticos são na maioria das vezes de maior relevância para o mundo futuro do que os objetivos pretendidos. (2004, p. 4)

A partir do fato explicitado acima, compreende-se que o advento da tecnologia e da necessidade em aparecer mais que o outros nas redes sociais, o compartilhamento de atos de violência e de notícias, que denotam certa anormalidade social tornou-se banal. Com o passar do tempo a violência vem ganhando enfoque no âmbito político, que em diversos pronunciamentos é transmitida a preocupação com este fenômeno social (NÓBREGA JÚNIOR, 2010).

Um dos tipos de violência que vem crescendo na atual sociedade é o homicídio, que denota perigo, tendo em vista que o mesmo, em determinadas situações, poderia ser resolvido através de diálogo ou utilização de meios legais (Justiça). Portanto, é importante ressaltar que: “a evolução dos homicídios como indicador de violência no Brasil vem tendo uma sequência histórica de dinamismo crescente” (NÓBREGA JÚNIOR, 2010, p. 21).

Diante disso, torna-se de suma importância explicitar ideias acerca do crime de homicídio a partir de uma perspectiva sociológica tendo em vista que o mesmo se mostra como um ato de violência irreversível. Isto é evidenciado a partir do momento em que as pessoas passam a visualizar a violência como algo irreversível no contexto social, sendo uma atitude natural do ser humano. Portanto, é de suma importância apresentar tal discussão para o enriquecimento do presente trabalho, que tem o homicídio como consequência do nosso tema central, que é a “violência”, resultante de um confronto social, um problema que vem cada vez mais chamando atenção de pesquisadores como sociólogos, antropólogos, historiadores, psicólogos etc.

2.2 CONCEITO DE VIOLÊNCIA POR UM VIÉS SOCIOLÓGICO

Em uma perspectiva sociológica, a violência é concebida de uma forma abrangente, levando em consideração a forma como a mesma se incrusta na sociedade. Diante disso, compreende-se que “a violência deve ser entendida como uma categoria muito abrangente que, talvez, seja pouco produtiva em termos de uma descrição adequada do universo de problemas presente na sociologia da violência” (SOUZA, 2008, p. 13). Portanto, a visão sociológica da violência é de caráter multifocal, podendo atingir as diversas esferas sociais, de formas multifacetadas.

Para a sociologia, a violência é uma categoria que nada explica, mediante as suas especificidades, mas sim que necessita ser explicada, tendo em vista o âmago das questões que a ocasionam. Sendo assim, destaca-se o seguinte fragmento:

A tarefa de uma sociologia da violência é mostrar as mediações ausentes, os sistemas de relações cuja falta ou enfraquecimento criam o espaço da violência: se essas mediações, se esses sistemas de relações parecem mais escondidos, incompreendidos ou ignorados do que realmente carentes ou ausentes, porque a sociedade em questão, suas elites políticas, seus intelectuais, sua opinião pública se recusam a reconhecê-las e a debetê-las, então a violência deve ser analisada antes de tudo como uma representação, como a subjetividade de grupos, ou mesmo de uma sociedade inteira, incapazes de se compreender e de compreender o que as cerca (WIEVIORKA, 1993, *apud*, SOUZA, 2008, p. 17).

De acordo, com o trecho acima compreende-se a violência para a sociologia deve ser compreendida como um fenômeno representativo, isto é, a mesma manifesta-se, desde o âmbito individual até o coletivo, representando não apenas determinada classe social ou a sociedade como um todo.

O pensamento de Arendt (1968, p. 4) desvela uma discussão preponderante acerca de violência, quando a mesma afirma que: “a própria substância da violência é regida pela categoria meio/objetivo, cuja a mais importante característica, se aplicada às atividades humanas, foi sempre a de que os fins correm o perigo de serem dominados pelos meios, que justificam e que são necessários para alcançá-los”. Portanto, é perceptível que no âmbito da violência existe uma busca incessante por uma justificativa de sua realização, isto é, com qual finalidade determinado acontecimento culminou na prática do referido fenômeno.

De acordo com Foucault (1966, p. 30) desvela-se a ideia de que: “a riqueza é o meio pelo qual se pode exercer tanto a violência quanto o direito de vida e de morte sobre os outros”. Assim, destaca-se que a violência está estritamente relacionada com as relações de poder, onde o determinante para sua utilização é a força se sobrepondo à fraqueza.

Diante disso, é possível compreender que a violência é uma ação dinâmica, ela vai se remodelando de acordo com o passar do tempo, podendo ser manifestada por diversas maneiras, em diversos âmbitos e, assim, compreende-se a ideia de Wieviorka (1997, p. 5) onde o autor afirma que “a violência não é a mesma de um período a outro”; isto é, cada vez ela assume uma perspectiva diferente, acoplando-se nas mais diversas classes sociais e mostrando-se forte e com alta periculosidade, privando a sociedade de viver de forma harmônica.

Wieviorka (1997, p. 14) ainda assinala que: “o Estado está tradicionalmente no centro da análise da violência, e a sociologia clássica associa correntemente os dois temas, quando mais não fosse na fórmula célebre de Max Weber”. Diante disso, compreende-se que a violência é calcada em diversos vieses que em determinadas situações culminam na ação da instituição que denota mais poder em uma sociedade: o Estado.

Sendo assim, a violência através da sociologia não se explica por si só; ela é um fenômeno dinâmico, que se adequa à época em que é manifestada, associando-se às relações de poder, onde, atualmente, vem sendo manifestada em todas as esferas sociais através das mais diversas práticas.

2.3 A VIOLÊNCIA NO BRASIL

O presente tópico apresentará uma abordagem acerca dos homicídios no território brasileiro, convergindo para as questões dos homicídios em Parnaíba- PI. Este suscitará uma discussão, que buscará estabelecer conexões dos pressupostos apresentados com a temática central da presente monografia.

A prática de violência está documentada em um viés epidemiológico, ou seja, pode ser considerada um problema de saúde pública. Isso significa que a violência, na maioria das vezes, pode culminar em óbito e, sendo conceituada como um problema social de grandes proporções, pode ser caracterizada por vários fatores diferentes.

Outro fator a ser destacado é que: “os conflitos decorrentes das diferenças de etnia, classe, gênero, geração, classe foram frequentemente solucionados mediante recurso às formas mais hediondas de violência”. (ADORNO,1996); ou seja, a violência é uma problemática que pode assumir diversos vieses e pode ocorrer por diversos motivos.

Os índices apresentados pela mídia comprovam que a violência se instaurou na sociedade de uma forma avassaladora, e que esta configura-se como um problema de grandes proporções nas diversas esferas e camadas sociais. E assim, compreende-se que: “as taxas de mortes por causas violentas nos principais centros urbanos brasileiros estão entre as mais altas do continente americano, expressando uma tendência de crescimento que desde a década de 1980 vem se acentuando” (LIMA; SOUZA, 2011, p. 2).

A violência social que ocorre no Brasil e se expressa nos indicadores epidemiológicos e criminais, a partir de eventos letais e não letais, tem demonstrado uma magnitude e uma intensidade sem precedentes, maiores até do que as observadas em países em situação de guerra. (LIMA; SOUZA, 2011, p. 2).

Compreende-se que o aumento de taxas de violência no Brasil ocasiona um certo olhar crítico por partes dos profissionais de saúde e dos setores de segurança pública. Outro fator a ser destacado, é que apesar da violência ser um problema social. De acordo com Lima e Souza (2011, p. 8):

Vários estudos no país têm mostrado que a violência afeta a população de modo desigual, gerando riscos diferenciados em função de gênero, raça/cor, idade e espaço social. Ademais, as taxas de mortes violentas só refletem a ponta de um enorme iceberg cuja magnitude dos eventos não letais é ainda muito maior, mesmo se considerando a existência de sub registros. Apesar de ser um fenômeno visivelmente mais intenso nas áreas urbanas de maior densidade populacional, acumulando cerca de 75% do total das mortes por causas externas. Estudos recentes revelaram um outro processo que se desenvolveu na sua dinâmica, ao qual alguns autores denominam interiorização da violência. Esta decorre, entre outras causas, do percurso do tráfico de drogas em municípios do interior de vários Estados brasileiros, alguns dos quais produzindo-as e outros atuando como corredor para o seu transporte.

O trecho acima revela que na análise da violência indicadores como raça, cor, idade e espaço social são fundamentais. Deste modo, pessoas que estão mais propensas a sofrer estigmas são as vítimas mais comuns da violência sem suas diferentes manifestações. Apesar da violência, como é sabido, assolar de forma devastadora a população de uma forma geral; na maioria das vezes tal prática culmina em óbito de pessoas ou grupos, que estão nas áreas mais pobres ou que sofrem algum tipo de preconceito. Em tese, esta violência praticada em maiores proporções com determinados grupos é algo histórico, levando em consideração que desde o Brasil colônia os negros e índios sofriam violência dos colonizadores e senhores do engenho, sendo algo que persiste na contemporaneidade.

A busca para controlar as taxas de violência e, conseqüentemente, de homicídios, está atrelado às principais reivindicações da sociedade nos dias de hoje, onde as pessoas buscam as mais diversas formas se proteger do referido mal social, onde cada vez mais a população prefere a reclusão em seus domicílios a ser vítimas de atos violentos, que possam culminar em óbito. Segundo Adorno (1996, p. 66):

O controle legal da violência permaneceu aquém do desejado. Seus principais obstáculos repousam, em linhas gerais, em circunstâncias sócio-políticas, entre as quais: primeiro, o restrito raio de ação dos grupos organizados da sociedade civil. De fato, a despeito do papel essencial que os movimentos de defesa dos direitos humanos exerceram no processo de reconstrução democrática nesta sociedade - sobretudo porque ao denunciarem casos de violação de direitos humanos, de arbitrariedade e de abuso de poder exigiram das autoridades públicas o cumprimento de suas funções constitucionais -, pouco se avançou no sentido do controle democrático da violência (ADORNO, 1996, p. 66).

Adorno (1996) reflete acerca das questões de segurança pública e direitos humanos, tendo em vista que as mesmas estão atreladas às circunstâncias sociopolíticas, pois as medidas preventivas de segurança em determinadas situações podem confrontar, o que postulam os

direitos humanos, e assim gerar ambiguidades entre ambos no que diz respeito ao combate à violência.

A violência, como problemática social vem ganhando um novo viés e tornando-se centro de discussões políticas e de segurança, onde a busca para coibir tal mal é um crescente no Brasil. Porém, concomitantemente, a mesma passa a ilustrar um domínio social de grandes proporções.

2.4 A VIOLÊNCIA EM PARNAÍBA - PIAUÍ

O aumento da violência é algo que vem sendo discutido, constantemente, inclusive em cidades pequenas, pois os atos violentos na mesma estão demonstrando-se através de fatos inimagináveis. Podemos salientar que a forma como a violência vem acontecendo em cidades do interior fazem com que as mesmas assumam outra forma de se conduzir o cotidiano. Assim, é observado no pensamento de Endlich e Fernandes (2014, p. 2):

A vida pacata e tranquila em pequenas cidades é cada vez mais um mito. As histórias de várias décadas sem um único homicídio vão se tornando raras. É certo que se os dados são analisados de forma absoluta os números não chamam tanto a atenção. Contudo, quando considerados proporcionalmente em relação a sua população observa-se que os índices obtidos posicionam algumas pequenas localidades entre as mais violentas do Brasil. Além dos homicídios, cresceram também as ocorrências contra o patrimônio, como furtos e roubos. Enfim, houve um significativo aumento da violência em pequenas cidades.

Diante do pensamento acima desenha-se o cenário do litoral do Piauí, especificamente, na região Norte do referido estado. Na cidade de Parnaíba, o aumento do número da violência é notório e preocupante, visto que os moradores da cidade vêm sendo acometidos pelo medo de se tornarem vítimas deste mal que assola a região.

A realidade vivenciada na referida cidade é agora comum nas cidades interioranas, onde a vida pacata foi abandonada pelo medo de sair de casa em determinados horários. A forma que as casas vêm sendo construídas, assumem novas posturas, cada vez mais observam-se a presença de altos muros rodeados de cercas elétricas e por sistemas de monitoramento eletrônico. Vejamos:

Em muitos casos, as quadrilhas aproveitam a ausência de serviços públicos de segurança, a facilidade de acesso e deslocamento por rodovias pouco fiscalizadas, entre outros fatores, para amedrontar e aterrorizar as pequenas

localidades. Tomando por referência os dados de violência em geral é comum encontrar indicadores cada vez maiores. Por exemplo, os dados do Sindicato dos Vigilantes do Estado do Paraná, em 2011 ocorreram 98 ataques (quarto em quantidade entre os Estados brasileiros), sendo oito explosões, 61 arrombamentos e 29 assaltos/furtos; em 2012, houve um crescimento assustador: o total de casos passou para 214 (terceiro em quantidade), aumento de quase 120% em comparação a 2011, sendo 106 explosões (aumento de 1.225%), 74 arrombamentos (aumento de 21%) e 34 assaltos/furtos (aumento de 17%). Para 2013, há apenas os dados consolidados para o primeiro semestre: 118 casos (terceiro em quantidade), ou aumento de 9% em relação ao mesmo período de 2012, divididos em 102 explosões ou arrombamentos (aumento de quase 10% no período) e 16 assaltos (valor equivalente ao mesmo período de 2012). (ENDLICH; FERNANDES, 2014, p. 8)

A partir do trecho acima compreende-se que a violência em pequenas cidades cresce de forma preocupante, por um motivo já conhecido: a falta de segurança em maiores proporções nas pequenas cidades.

A cidade de Parnaíba nas últimas décadas vem sendo noticiada pela mídia pelo aumento de fatos que envolvem a prática de violência e homicídios. Diante disso, a cidade revela o que a literatura vem discorrendo acerca do aumento da violência fora das capitais e metrópoles, que vivem cerceadas pelo aumento da violência e, conseqüentemente, da prática de homicídios, que ocorrem pelos mais diversos fatores.

2.5 SEGURANÇA PÚBLICA E VIOLÊNCIA

Nos últimos quinze anos, o Brasil tirou milhares de pessoas da pobreza e combateu a desigualdade social. Ainda assim, o país não conseguiu reduzir as taxas de crimes, especialmente, os homicídios. Esse quadro traz uma série de desafios para as políticas de segurança pública. Falar em segurança pública no atual cenário é culminar em questões que estão atreladas à violência em nosso cotidiano, assim o medo e a insegurança cada vez mais vêm assombrando toda a sociedade, já que o crime e a violência são concebidos com problemas que assolam todas as classes sociais. Compreende-se a ideia de Silva (2003, p. 18):

Os criminosos são vinculados a características físicas e econômicas e estes estereótipos (pobre e negro) estimulam o racismo e o elitismo no interior da sociedade. Na verdade, numa sociedade cuja maioria é formada de negros e pobres presenciamos um aumento crescente do sentimento de insegurança.

De acordo com o autor, essas diferenças evidenciam que os negros de periferias permanecem em situação de desigualdade, situando-se na marginalidade e exclusão social,

sendo esta última compreendida por uma relação assimétrica em dimensões múltiplas econômica, política, cultural e este tipo de preconceito ainda muito reforçado pela mídia. Assim, “admitindo o crime como fenômeno inerente à convivência social, portanto, não caberão políticas que tenham a pretensão de acabar com ele, e muito menos que se restrinjam ao acionamento do sistema policial penal” (SILVA, 2003, p 54).

Esse fenômeno é algo comum a todas as sociedades, mas é possível se pensar numa redução deste índice e não somente vincular crimes ao sistema prisional ou ação policial repressiva. Portanto, segundo Silva (2003, p. 25):

A criminologia contemporânea, desde os anos trinta em diante se caracteriza pela tendência a superar as teorias patológicas da criminalidade, ou seja, aquelas que se baseiam nas características biológicas e psicológicas que diferenciariam os sujeitos ‘criminosos’ dos indivíduos ‘normais’, e na negociação do livre arbítrio mediante um rígido determinismo. Estas teorias eram próprias da criminologia positivista, que, inspirada na filosofia e na psicologia do positivismo naturalista, predominou entre fins do século passado e começo do presente.

A percepção aqui acerca da violência é vista como fenômenos sócio-político e histórico-cultural e não mais como patologias. Sendo assim, o autor adentra no âmago das questões citadas na presente monografia, tendo em vista que a violência anda sendo debatida em diversos cenários sociais, que a questão da segurança é esquecida, onde esta última é de grande relevância para a diminuição do índice de homicídios através de políticas públicas bem elaboradas.

É importante ressaltar que “[...] para se combater a criminalidade deve-se preestabelecer o tipo de crime que se deseja combater, que tipo de organização, qual a estrutura da organização, qual o poder de mando e influência que esta exerce sobre os cidadãos e classificá-los determinando prioridades (SILVA, 2003, p. 11); ou seja, se as políticas públicas forem implementadas, as mesmas denotarão um grande gasto orçamentário, então deve se pensar no ato de sua criação, pois é estabelecer políticas públicas diferenciadas dentre os tipos diferentes de crimes, evitando o gasto do dinheiro público e que percamos tempo na resolução dessa problemática. De acordo com Silva (2003, p. 14):

Os defensores da aplicação da lei e da ordem pela polícia sustentam que o temor causado pela efetividade do serviço policial diminua a criminalidade. Já os defensores dos direitos humanos afirmam que o respeito nato da instituição policial impõe por si só o respeito desta para com o cidadão não sendo necessária aplicação da força. Estas concepções evidenciam o fato da polícia ser tida como única guardiã da sociedade e que a contenção da

criminalidade está no emprego da polícia. Estamos notando que o foco do problema se encontra na polícia, devido à gênese de sua instituição e pelo autoritarismo decorrente do exercício do Poder de Polícia. O professor Silva salienta que se deve buscar a melhoria do ensino e da instrução ofertadas aos policiais. A formação policial deve ser entregue às universidades, em um trabalho conjunto com as polícias e suas unidades de ensino. Almeja-se a constituição de um sistema profissional de ensino policial integrado e vinculado diretamente a sociedade.

O autor traz esse distanciamento que existe entre a polícia e os direitos humanos, como se fosse possível pensar em segurança efetiva sem a junção desses dois quesitos. A chamada “insegurança pública” vem ganhando contornos mais críticos quando é observável que a população vem sentindo medo entre si. O que vemos é uma polícia que de um certo modo se sente responsável por conter essa onda de violência. Segundo Silva (2003, p. 18):

O governo Federal deve elaborar a política nacional de segurança, especificamente na efetivação da cooperação entre os Estados e também impondo exigências na qualidade, assim como na qualificação dos serviços de segurança pública, o que englobam a eficiência e o respeito às leis e aos direitos humanos.

Para o autor, é preciso de imediato se pensar em políticas públicas que agreguem não só as forças armadas, mas à sociedade como um todo, responsáveis de mudar esse cenário de guerra no qual estamos vivendo, ou seja, é preciso que essas políticas públicas sejam formuladas para prevenção e não exclusivamente para repressão.

Contudo, não podemos deixar de falar que houve pela primeira na história política do Brasil no ano de 2000, surgiu o Plano Nacional de Segurança Pública (PNSP), voltado para o enfrentamento da violência no país, especialmente em áreas com elevados índices de criminalidade, tendo como objetivo aperfeiçoar as ações dos órgãos de segurança pública. Salla (2003) em relação ao Plano Nacional de Segurança Pública revela que este:

Compreendia 124 ações distribuídas em 15 compromissos que estavam voltadas para áreas diversas como o combate ao narcotráfico e ao crime organizado; o desarmamento; a capacitação profissional; e o reaparelhamento das polícias, a atualização da legislação sobre segurança pública, a redução da violência urbana e o aperfeiçoamento do sistema penitenciário. Uma novidade é que no plano, além dessas iniciativas na área específica de segurança, eram propostas diversas ações na esfera das políticas sociais. O plano, no entanto, não fixava os recursos nem as metas para ações. Ao mesmo tempo, não estavam estabelecidos quais seriam os mecanismos de gestão, acompanhamento e avaliação do plano (SALLA, 2003, p. 430).

O autor elogia muitas das ações que estavam presentes nesse plano de segurança pública de iniciativa do Governo Federal, onde incluía os Estados e toda a sociedade para fazer desse processo de prevenção da violência, conseqüentemente, dos homicídios, infelizmente sem recursos definidos, sem delineamento de metas e de processos de avaliação de eficácia, eficiência e efetividade, fracassou nos seus principais objetivos.

CAPÍTULO 3

A VIOLÊNCIA EM PARNAÍBA: ANÁLISE DE DADOS

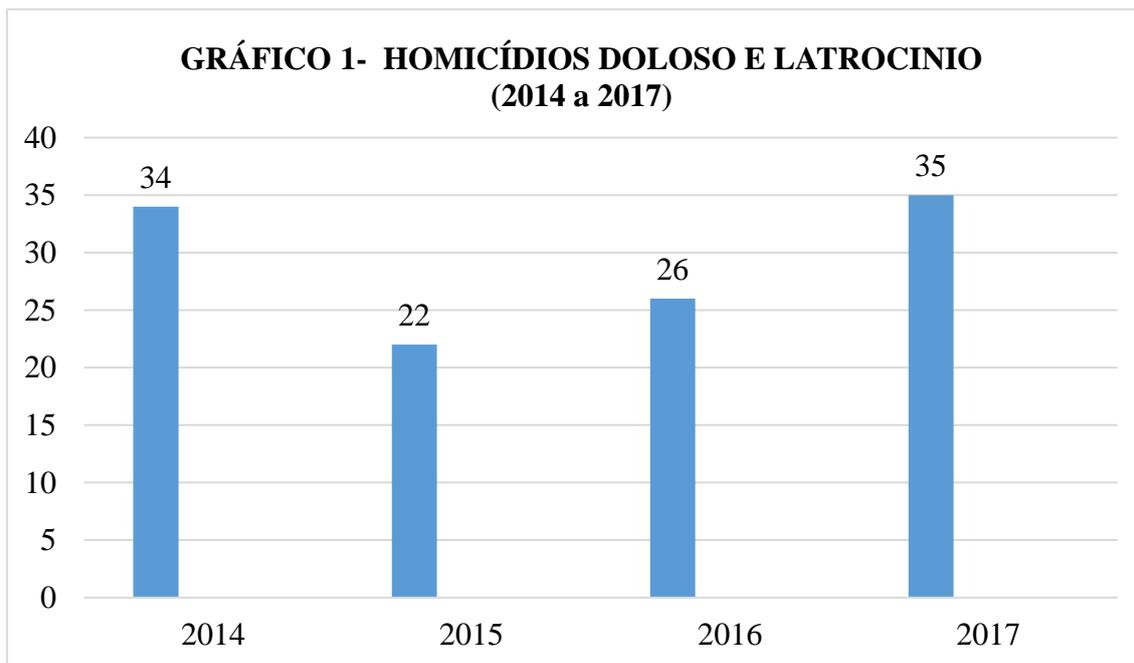
Os dados aqui apresentados foram coletados no Instituto Médico Legal de Parnaíba -Piauí, tendo como recorte os homicídios cometidos nos anos de 2014 a 2017, os quais estão subdivididos em categorias para a melhor compreensão.

Como categorias para análise foram eleitos: os tipos de armas utilizadas, o sexo das vítimas, distribuição geográfica e a faixa etária das vítimas. Esses dados foram transpostos a seguir em gráficos para melhor visualização.

Como parâmetro para reconhecer o nível da incidência dos homicídios no município dentro do que se considera patológico foi tomado o Indicador controlável de violência homicida estipulado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) na sua Classificação Internacional de Doenças (CID). Este indicador, para demonstrar razoabilidade do controle, apresenta como padrão um total de 10 homicídios por cem mil habitantes ao ano, ou seja, em uma sociedade ou comunidade, estado, município, bairro etc. que ultrapassar este indicador a OMS considera como sendo caso de epidemiologia.

A cidade de Parnaíba-PI tem “145.705 habitantes”³, é a segunda maior cidade do estado do Piauí, localizada especificamente ao Norte do referido estado. Em relação a esse total populacional em referência ao índice de violência estipulado pela OMS será possível reconhecer em que situação se encontra a problemática da violência no município.

³ **Fonte:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Demográfico 2010.



Fonte: Instituto Médico Legal, Parnaíba – PI, 2017.

Através do Gráfico 1, verifica-se que, em 2014, foram registrados 34 homicídios por 145.000 habitantes na Cidade de Parnaíba, enquanto em 2015 e 2016 houve uma queda para 22 homicídios e 26 respectivamente, voltando assim a crescer em 2017 para 35 homicídios, considerando a taxa fixada pela OMS, todos os anos analisados aqui constata-se uma epidemia, tendo um aumento significativo no ano de 2017.

Dentre fatores que corroboram para este aumento nos casos de homicídios na cidade, está o tráfico de drogas e os problemas de inclusão social se apresentam como preponderantes, afirmação essa feita pelo delegado da delegacia civil da referida cidade, ao mesmo tempo em que, atribui a queda desses crimes nos dois anos 2015 e 2016 a presença de rondas policiais. Interessante notar como a ideia de policiamento é tida como a base essencial para a redução da criminalidade, discurso que ultrapassa os agentes policiais e se materializa também na própria população, numa narrativa que apresenta a violência estatal como uma categoria diferenciada e a única capaz de remediar a violência “ilegítima” (MISSE, 2016).

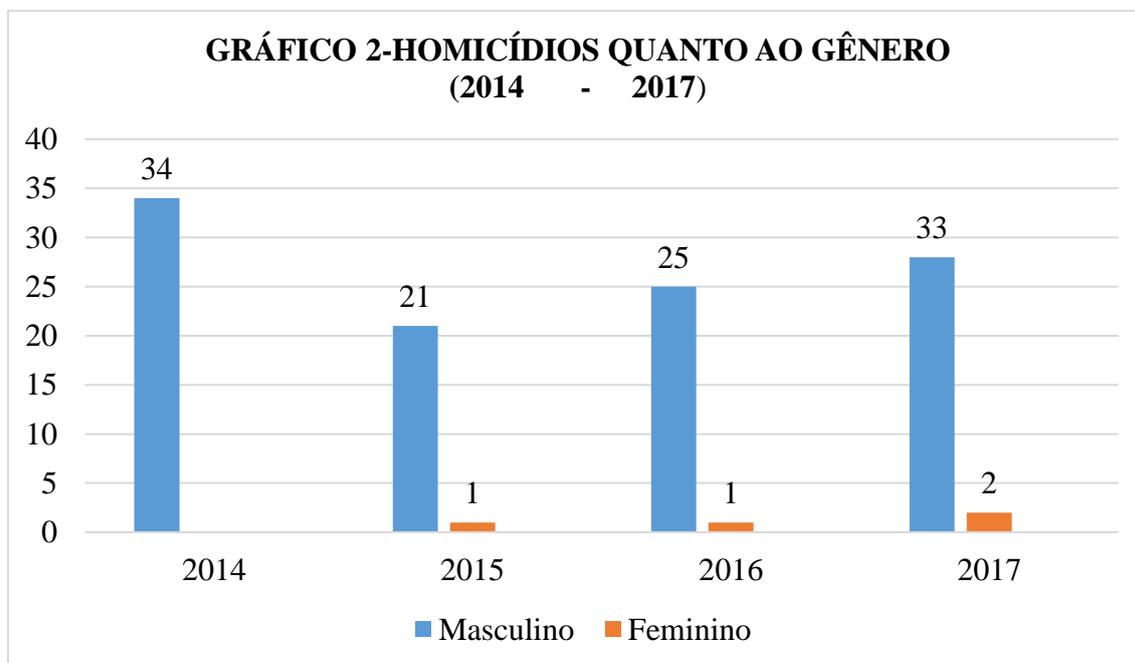
De acordo com os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Brasil registrou 61.619 mortes violentas em 2016. Este ano registrou o maior número de homicídios da história brasileira. É sabido que:

[...] no Brasil a partir dos anos 1980, quando se verifica forte incremento nas taxas de homicídios, bem como sua evolução nas três décadas seguintes, 1990, 2000 e 2010, quando ocorrem processos distintos, tais como: queda, crescimento e estabilização nas diferentes regiões do país, segundo as seguidas edições do Mapa da violência (WASELFSZ, 2011).

Existe uma percepção de interiorização a violência nas últimas décadas, na qual as pequenas cidades passam a ser cenário de homicídios e outros crimes caracterizados por mais apelo a violência, ou seja, ainda que as capitais e grandes metrópoles continuem sendo protagonistas nas taxas de homicídios no Brasil, verifica-se um aumento significativo nas cidades pequenas, principalmente na região Nordeste, fazendo inferência, assim, da cidade aqui pesquisada.

A tese da interiorização aparece pela primeira vez no mapa da violência de 2004 (WAISELFISZ, 2004), que analisa a distribuição dos homicídios entre 1993 e 2002. Apesar de identificar as mais altas taxas de homicídios nas capitais e grandes metrópoles, o estudo chama a atenção para o fato de que a partir de 1999, a taxa de crescimento do interior supera a das capitais e grandes metrópoles. Provavelmente, foi a tese da interiorização que fez com que o mapa de 2008 (WAISELFISZ, 2008) representasse um corte com os anteriores, ao privilegiar os municípios mais do que as regiões.

Um fator a ser destacado é que cresce mais rápido a incidência dos crimes que envolvem homicídios, roubos, sequestros e estupros. Esse crescimento veio acompanhado de mudanças substantivas nos padrões de criminalidade individual bem como no perfil das pessoas envolvidas com a delinquência (ADORNO, 2002, p. 13).

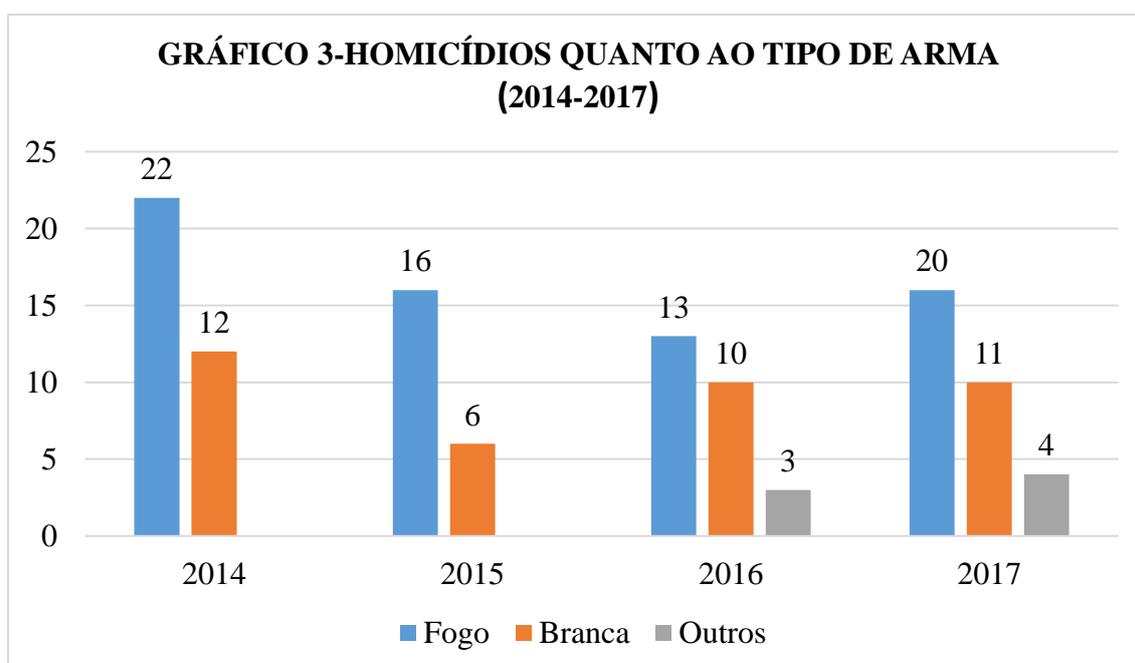


Fonte: Instituto Médico Legal, Parnaíba – PI, 2017.

Através do gráfico 2, temos um panorama dos homicídios em 2014, 100% do sexo masculino, já em 2015 e 2016, constata-se a incidência 10% de casos vitimando sexo feminino. Como aponta o gráfico os homens se manifestam como as principais vítimas de homicídio na cidade de Parnaíba, representando praticamente a totalidade dos casos contabilizados. É importante salientar, também, que além de serem as principais vítimas os homens se constituem nos principais agentes da violência homicida, esse dado corrobora em certo aspecto com as leituras sobre a lógica patriarcal que impera na sociedade brasileira e igualmente no município de Parnaíba. Como bem apontava Bourdieu (2002) na “Dominação masculina” o machismo age sobre os homens no sentido de valorizar como características essenciais a sua masculinidade, comportamentos que são essencialmente violentos, ou no mínimo, pouco ligados à empatia.

Pode-se ressaltar que: “[...] o coeficiente padronizado de mortalidade por causas externas é muito maior entre homens (178 por cem mil habitantes) do que entre mulheres (24 por cem mil habitantes), sendo maiores entre homens mais jovens” (MOURA et al., 2014, p. 3). Desse modo o gráfico corrobora com os índices nacionais de violência que assim como os dados municipais apontam, vitimam, principalmente, o público masculino.

O Mapa da Violência (2014) explicitou que: “se no total das mulheres as taxas passam de 2,3 para 4,8 homicídios por 145 mil, crescimento de 111%, entre os homens a taxa passa de 21,2 para 54,3, o que representa um aumento de 156%” (WASELFSZ, 2014, p. 57).



Fonte: Instituto Médico Legal, Parnaíba – PI, 2017.

De acordo com o gráfico 3, o número de homicídios pelos tipos de arma distribuiu-se da seguinte maneira: Em 2014, ocorreram 22 homicídios efetuados por arma de fogo e 12 com arma branca (faca); em 2015, ocorreram 16 com arma de fogo e 6 com arma branca; em 2016, ocorreram 13 com arma de fogo, 10 com arma branca e três com outros tipos de instrumentos ou ação; em 2017 foram cometidos 20 homicídios com arma de fogo, 11 com armas brancas e quatro com outros instrumentos ou ações, fato é que em todos os anos analisados a arma de fogo está à frente de todas as outras instrumentos utilizados. Segundo Peres (2004, p. 33):

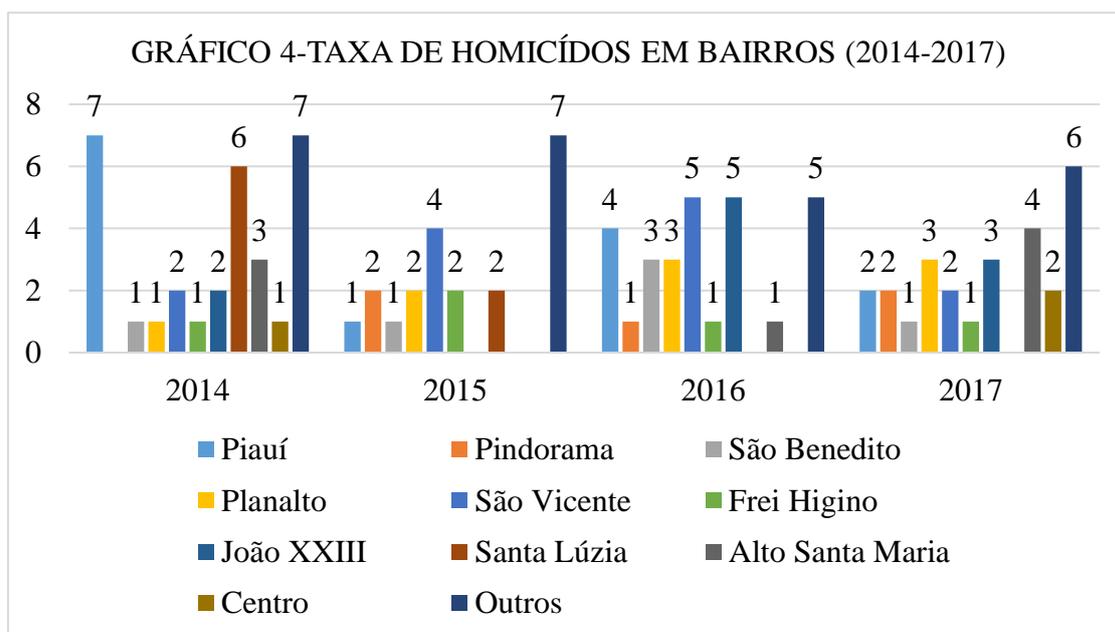
A contribuição das armas de fogo para as taxas de violência varia em diferentes países e está relacionada a vários fatores tais como legislação, organização e eficiência dos sistemas judicial e policial, mercado ilegal de armas de fogo, presença de tráfico de drogas, “cultura da violência” e processos sociais tais como urbanização, exclusão social, mudanças nas estruturas demográficas e familiares, os quais influenciam o aumento de violência como um todo.

Assim, na cidade e Parnaíba, essa eclosão das mortes foi alavancada, de forma muito significativa, pelos homicídios por Arma de Fogo (HAF). “Por esse motivo, é possível afirmar que praticamente 95% da utilização letal das armas de fogo no Brasil tem como finalidade o extermínio intencional do próximo” (WAISELFISZ, 2016, p. 15).

Um fator a ser destacado é que: “no Brasil, muitos pesquisadores já realizaram estudos sobre a violência, especialmente através da análise de dados de mortalidade e pesquisas de vitimização. Apesar disso, somente alguns deles salientaram o impacto das armas de fogo nos eventos violentos” (PERES, 2004, p. 34), ou seja, o uso das armas de fogo vem se acentuando constantemente, porém há poucos estudos e dados acerca do uso de tal ferramenta, como esse culmina no aumento das taxas de homicídios no Brasil. Segundo DAPP (2013, p. 5):

Relatórios internacionais frequentemente colocam o Brasil no preocupante grupo de países com número recorde de homicídios. O relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) de 2014 apontou o país como primeiro no ranking de homicídios, com o registro de pouco mais de 57 mil no ano de 2012. Utilizando dados mais recentes, de 2015, a ONG mexicana Conselho Cidadão para a Segurança Pública e a Justiça Penal identificou 21 municípios brasileiros dentre as 50 cidades com mais de 300 mil habitantes de maior taxa de homicídio do mundo. E são nas armas de fogo que temos o principal responsável pela maior parte dos homicídios tanto de homens quanto de mulheres no Brasil.

No trecho acima pode-se compreender a preocupante crescentes de homicídios ocasionados por armas de fogo no Brasil, não obstante é de grande relevância que as autoridades passem a tomar medidas cabíveis sobre o uso das mesmas, em face do problema que estão gerando à vida humana e à convivência social, sendo reflexo de um aumento nos índices de homicídios, também, na cidade referida.



Fonte: Instituto Médico Legal, Parnaíba – PI, 2017.

Observa-se no gráfico 4 a distribuição dos homicídios pelos bairros do município, donde se constata que a maior ocorrência desse crime ocorre nos bairros periféricos. Portanto, é importante ressaltar que:

[...] a população que reside em bairros periféricos como o Paar, encontram-se bem mais vulneráveis à violência, devido à ineficiência da atuação do Estado, tal situação aproxima essa população das diversas formas que a violência se manifesta, esses aprendem a lidar com a violência como parte da sua realidade cotidiana (ODALIA, 1983, p. 13).

Compreende-se que o aumento de violência em bairros periféricos é resultado em parte da ausência de políticas públicas por parte do poder público que, seguindo uma lógica punitiva não concebe a segurança pública como elemento diretamente relacionado as condições de vida da população, as quais não melhoram com simples patrulhamento policial.

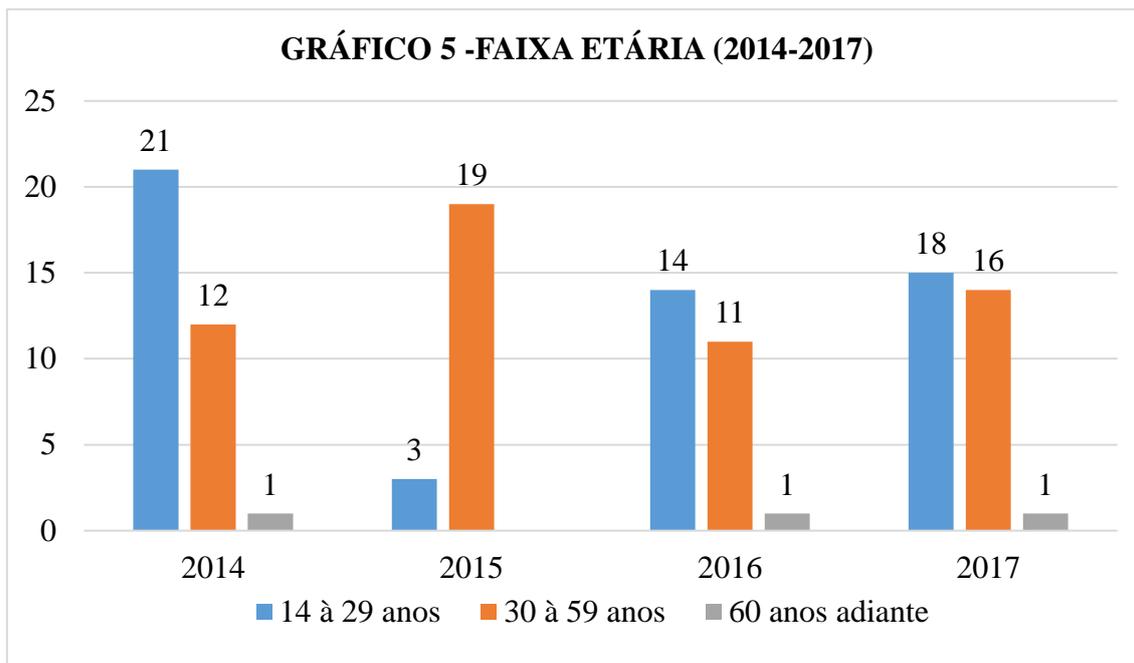
Em todo o país, o alvo preferencial dessas mortes são adolescentes e jovens adultos masculinos das chamadas classes populares urbanas, tendência que

vem sendo observada nos estudos sobre mortalidade por causas externas (violentas). Na Região Metropolitana de São Paulo, registros de mortes violentas revelam maior incidência nos bairros que compõem a periferia urbana, onde as condições sociais de vida são acentuadamente degradadas. (ADORNO, 2002, p.7-8).

Observa-se, acima que esta questão denota perspectivas que envolvem o Poder Público, tendo em vista que os homicídios ocorreram em maiores taxas nos bairros poucos visualizados pela Segurança Pública. Portanto, salienta-se o pensamento de Sérgio Adorno acerca da concentração de violência em bairros considerados periféricos:

No entanto não há como deixar de reconhecer relações entre a persistência, na sociedade brasileira, da concentração da riqueza, da concentração de precária qualidade de vida coletiva nos chamados bairros periféricos das grandes cidades e a explosão da violência fatal. Mapas da violência, realizados para algumas capitais brasileiras na década passada, indicavam que as taxas de homicídios eram sempre e flagrantemente mais elevadas nessas áreas do que nos bairros que compõem o cinturão urbano melhor atendido por infraestrutura urbana, por oferta de postos de trabalho, por serviços de lazer e cultura (ADORNO, 2002, p. 112).

Como afirma Adorno acima, as condições socioeconômicas não podem ser desvinculadas da problemática da violência, causalidade que o gráfico anterior também denuncia no recorte empírico da presente pesquisa. O autor reforça a ideia que a concentração de renda por um lado e as precárias condições de vida nos bairros periféricos por outro, criam um “nicho” propício ao desenvolvimento de uma atmosfera violenta, na qual a ausência do Estado, na figura das políticas públicas, relega essa parte da população ao que se poderia comparar com um “estado de natureza” Hobbesiano.



Fonte: Instituto Médico Legal, Parnaíba – PI, 2017.

No gráfico 5 revela a faixa etária das vítimas dos homicídios de 2014 a 2017 na cidade de Parnaíba PI. Assim, dentre o número de pessoas que morrem vítimas de homicídios dolosos e de latrocínios, é perceptível que 90% são jovens entre 14 a 35 anos, sendo assim é importante ressaltar que “[...] em todo o país, o alvo preferencial dessas mortes compreende adolescentes e jovens adultos masculinos” (WAISELFISZ, 2016, p. 15). E assim, observa-se o pensamento de Soares (1996, p. 201):

As intervenções sociais, do Estado ou de organizações não-governamentais, talvez devessem começar a reorientar suas atenções para os alvos prioritários da violência criminosa que atinge menores, dos bairros pobres e das favelas. Sem alternativas econômicas e culturais para a juventude, com os problemas com nossas policias e de nossa legislação referente a drogas, O tráfico continuará crescendo e a violência criminosa será realimentada, independentemente dos esforços das autoridades responsáveis e democráticas.

O primeiro Mapa da Violência, divulgado em 1998, a principal vítima da violência homicida no Brasil é a juventude. Na faixa de 15 a 29 anos de idade, o crescimento da letalidade violenta foi bem mais intenso do que no resto da população.

O índice de homicídios na faixa etária que compreende a juventude pula de 3.159 HAF em 1980 para 25.255 em 2014, crescimento de 699,5%, fato alarmante, pois “Segundo estimativas do IBGE, os jovens de 15 a 29 anos de idade representavam, aproximadamente, 26% da população total do país no período analisado”. (WAISELFISZ, 2016, p 49).

Diante dos dados apresentados é possível perceber que, seguindo um padrão nacional, a violência na cidade de Parnaíba acomete principalmente o jovem, homem, negro e pobre concentrando-se especialmente nos bairros periféricos da cidade, os quais no imaginário popular são alvos do estigma, da criminalidade e das precárias condições de vida. Vejamos:

A morte, sobretudo o homicídio doloso de um ser humano menor de idade, é sempre ou deveria ser, para todos nós, um escândalo único, incomensurável. Proceder a contabilidade mórbida dos delitos criminais, particularmente dos assassinatos de crianças e adolescente, é tarefa ingrata e dolorosa, e irrealizável, em seu sentido mais profundo (SOARES, 1996, p.189).

Essa ideia não é compartilhada por muitos no cenário da violência no Brasil, quase sempre quando a vítima é desfavorecida social e economicamente já é o suficiente para ser alvo de estigma e, o que vemos por vezes, sua morte sendo até comemorada. Trago abaixo alguns casos de homicídios ocorridos no ano de 2017 para uma melhor expansão e compreensão dos gráficos acima. Todos os relatos foram retirados de sites e blogs da cidade referida que deram coberturas aos homicídios abaixo.

Partindo desse pressuposto é importante destacar que a mídia da cidade de Parnaíba relatou alguns casos que repercutiram de forma avassaladora na cidade, onde de acordo com o *portal Cidade Verde* (2017) constatou-se um homicídio de um jovem, em um horário que passava das sete horas da noite de sexta-feira quando o mesmo, um jovem desempregado de 24 anos, negro, morador do bairro de periferia Esperança I, deixou sua casa com mais três amigos num carro branco, que haviam roubado para praticar o assalto numa lotérica que fica na rua caramuru, no bairro Piauí, pouco menos de 3 km da sua residência. Porém, durante o assalto, um grupo de policiais membros do Grupo de Ações Táticas (GAT) de Polícia Militar que estavam próximos do local foi avisado por uma testemunha que estava no momento em que eles adentraram a recinto e surpreenderam o jovem, que estava na companhia de mais três amigos, pedindo para eles saírem de mãos para cima. Dos três assaltantes, sendo um deles o um rapaz chamado Kelson, causaram terror ao ter um assalto frustrado, os homens fizeram de refém os funcionários, sendo dois homens e três mulheres. Com agravo da situação, a Polícia Militar e Civil trabalharam em conjunto, inclusive o Corpo de Bombeiros Militar. Segundo o tenente coronel Adriano Lucena, os bandidos fizeram diversas exigências para fugir quando as forças de segurança tentavam negociação. Um dos bandidos conseguiu fugir. Uma mulher saiu da lotérica e tirou uma moto que estava em frente ao carro roubado, ficando duas mulheres ainda. Um dos funcionários, identificado como Samuel, foi liberado pelos fundos da empresa e

confundido como sendo um dos bandidos, inclusive chegou a ser agredido; pois o mesmo saiu com roupas diferentes das do trabalho.

Os assaltantes queriam fugir levando reféns e desejavam usar um veículo Chevrolet/Onix LTZ, modelo 2014, de cor branca, placas OVY 5382 Parnaíba (PI), roubado pela manhã no loteamento Jardim Atlântico em frente ao motel Álibi, na BR 343 em Parnaíba. Quando os homens levantaram a porta da lotérica tentaram sair, um funcionário foi até o carro para abrir a porta e ao retornar, abaixou-se, oportunidade em que Kelson um dos assaltantes efetuou um disparo contra o cinegrafista Pablo Portugal, que por pouco não foi atingido; mas o muro estilhaçou lhe provocando ferimentos leves. Outro disparo foi efetuado. O bandido teria se incomoda com a iluminação da câmera. Repórteres também se retiraram da esquina em que faziam registros.”. Muitas pessoas se aglomeraram para ver a ação criminosa. Depois de muito tempo, os bandidos tentaram sair novamente com os outros quatro reféns. Quando estavam em direção ao carro Onix, um dos bandidos, o Kelson, foi atingido na cabeça por balaço quando estava lutando com o vigilante que era um dos reféns.

Durante os tiros, o vigilante se jogou ao chão e fugiu rolando do local. Os policiais o arrastaram rapidamente para uma unidade de emergência. Em seguida, capturaram o outro acusado, que foi identificado como Ricardo Aguiar de Sousa, conhecido “Batata”. A Polícia Militar tentou conter a população que invadiu a área de isolamento e iniciou um linchamento contra “Batata”. Os policiais formaram barreira para evitar outro crime e conseguiram colocar o acusado na viatura. Uma equipe do Departamento de Polícia Técnico Científica coletou elementos para investigações. O tenente coronel Lucena informou que houve grande esforço para preservar a integridade física de todos que estavam no local e que os bandidos são de Parnaíba. Ricardo foi levado para a Central de Flagrantes por volta de 01h30 da madrugada.

Outro assalto que repercutiu nas cidade fora o do jovem Alex, de 24 anos, desempregado, branco, mais conhecido como um dos irmãos gêmeos de Parnaíba e Ricardo 22 anos, desempregado, pardo. De acordo com o *Portal Cidade Verde* (2017), no dia 22 de fevereiro de 2017. Aproximava-se das 22 horas de quarta-feira. Alex e Ricardo, os dois jovens, estavam numa casa localizada no bairro periférico são Vicente de Paula, onde moravam de aluguel, quando foram surpreendidos pelos policiais militares que receberam uma denúncia anônima. Quando os policiais chegaram, os dois perceberam a movimentação e tentaram fugir do cerco policial em uma moto. Na troca de tiros com os policiais militares, Alex foi baleado ao reagir a investida de policiais que tentavam cumprir mandado de prisão e busca apreensão. Na troca de tiros, o suposto comparsa dele Ricardo foi baleado e morreu no local. O suspeito identificado como Alex não resistiu aos ferimentos de bala e morreu após dois dias

internado no Hospital Estadual Dirceu Arcoverde (Heda), em Parnaíba, litoral do Piauí. Ele era conhecido como um dos "gêmeos do crime" e, de acordo com a Polícia Civil, era considerado de alta periculosidade. O gêmeo foi atingido com dois tiros no abdômen e um no antebraço direito e veio a óbito às 19h05 deste domingo (25/02/2017) em decorrência de falência múltipla dos órgãos. Alex tinha uma extensa ficha criminal por assaltos e tráfico de drogas e estava foragido do sistema prisional do Piauí desde fevereiro de 2017. O irmão gêmeo, Alan dos Santos Nunes, permanece preso.

Outro assassinato que não pode ser excluído desta discussão foi transposto no *blog Folha de Parnaíba* (2017), onde um jovem chamado Jones, 20 anos, desempregado, negro, treze de julho de 2017, residente num dos bairros considerados mais pobres da cidade de Parnaíba: José Parque Estevão. Uma guarnição da polícia militar coordenada pelo 1º sargento Manoel Vieira com apoio do cabo Nelson e soldado Adilson foi acionada no início desta madrugada, para atender uma ocorrência de homicídio no Parque José Estevão, em Parnaíba, litoral do estado. Ao chegarem no local, os policiais encontraram o corpo do rapaz havia golpes profundos, incluindo o pescoço decepado. Um facão foi encontrado na cena do crime. O corpo foi removido do local por uma equipe do IML de Parnaíba composta pelos policiais Robinson Castilho e Paulo Cesar. Segundo informações levantadas por moradores próximos ao local do crime, Jones era usuário de drogas, o crime está sendo investigado como acerto de contas.

Outro caso que repercutiu significativamente, fora um feminicídio praticado contra a jovem Amanda, 22 anos, parda, casada, dois filhos, desempregada, oito de setembro de 2017, residia no Residencial Habitacional Popular Dunas, no bairro Dirceu Arco Verde, onde de acordo com o *blog Folha de Parnaíba* (2017) uma semana antes por motivos de brigas e agressão por parte de seu companheiro a jovem pediu a separação e depois de uma semana ter se passado, Lucas seu ex companheiro retornou pedindo desculpas e uma nova chance para unir a família novamente, isso por voltadas 19 horas daquele dia, mas Amanda estava decidida na sua decisão e não aceitou o pedido de desculpas do mesmo. Lucas então saiu novamente, mas segundo testemunhas foi para um bar beber e na madrugada retornou. Adentrou na casa foi até a cozinha sem fazer barulho, pegou uma faca de cortar carne, foi até onde Amanda dormia no quarto com as duas crianças e golpeando-a com duas facadas nas costas, Amanda foi assassinada enquanto dormia. Lucas, 23 anos, fugiu logo em seguida para casa de seus pais, onde relatou o que houvera ocorrido e foram os próprios pais do assassino que ligaram para polícia. Lucas foi preso logo após o crime. Devido ao estado de embriaguez de Lucas, a Polícia ainda não colheu as informações necessárias, mas o agressor já foi autuado pelo crime de

feminicídio. Lucas é açougueiro e vivia com Amanda há nove anos. O casal tinha dois filhos. Lucas também já foi preso por tráfico de drogas.

Outro caso ocorrido com um jovem de bairro periférico foi o de Lucas, 26 anos, pardo, desempregado, vinte e dois de dezembro de 2017 sexta-feira. Onde o *portal 180 graus* (2017) afirmou que em uma tarde aproximadamente 15 horas, quando Lucas saiu em uma moto na companhia de um amigo, a poucas quadras próximo a sua residência, na Avenida Três de maio, no bairro Santa Luzia em Parnaíba (PI). Lucas, foi atingido com pelo menos três disparos de arma de fogo ao ser surpreendido por criminosos armados, que estavam em um carro branco, segundo testemunhas no local. Vários disparos foram efetuados acertando Lucas no peito e próximo ao rosto. Ele perdeu bastante sangue e morreu antes que pudesse receber socorro médico. O amigo do rapaz também foi atingido com um tiro na mão, mas foi socorrido e está fora de perigo. O local foi isolado pela Polícia Militar, familiares não comentaram sobre a suposta motivação do assassinato do jovem, mas segundo informações os jovens são usuários de drogas, o mesmo está sendo investigado como execução e acerto de contas. Até o momento ninguém foi preso. Após realização da perícia, o corpo de Lucas foi encaminhado para o Instituto Médico Legal.

O caso de Pedro 29 anos, foi outro caso que chamou atenção. Um rapaz pardo de classe social baixa, especificamente vinte de setembro de 2017, aproximadamente as 16 hs, o moto-táxi, pilotava uma moto Fan vermelha quando foi surpreendido por uma moto com dois homens que se aproximou e foi atingido pelos disparos de arma de fogo logo na Avenida Francisco Borges dos Santos (Av. do Contorno). Segundo o *portal Visão Piauí* (2017) logo após a rotatória do Bairro Planalto Montserat, tendo morte imediata no local. Ainda não sabemos a motivação deste homicídio. Uma guarnição do 2º Batalhão da Polícia Militar Major Osmar foi acionada e fez a preservação do local para que a Perícia Técnica Criminal possa realizar o laudo e liberar o corpo para o Instituto Médico Legal (IML) fazer o recolhimento para realização da necropsia. A Polícia Militar e Civil já estão em diligência para investigar o caso. Segundo informações, Pedro era moto taxista e foi morto com vários disparos de pistola 380. Foram encontrados seis furos de bala, mas somente um exame criterioso poderá confirmar.

A Polícia Militar recolheu 10 capsulas de bala calibre 38 e foram encontradas várias marcas de bala em uma parede próximo de onde o corpo foi encontrado caído. O portão de uma casa residencial também foi atingido com projétil. Segundo informações, dois homens em uma moto seguiam o moto taxistas e praticaram a execução. O crime foi investigado pela Delegacia de Homicídios, quem tem à frente o delegado Eduardo Aquino. A suspeita é de que o crime tenha ligação com o tráfico de drogas em Parnaíba. De acordo com testemunhas, a vítima

trabalhava como moto taxista e costumava fazer corridas para parentes de traficantes presos. A vítima já tem passagem pela Penitenciária Mista de Parnaíba Juiz Fontes Ibiapina respondendo pelo crime de receptação. Pedro faltou audiência no Fórum Desembargador Salmo Lustosa, em Parnaíba, sendo expedido um mandado de prisão em seu desfavor.

No *blog 180 graus* (2017) é exposta a história do homicídio de Paulo, 24 anos, negro, desempregado, residente no bairro periférico do Vicente de Paula, quinze de dezembro de 2017. Paulo vinha caminhando numa rua de areia poucas quadras antes de sua residência, por volta de meio dia e meia. Quando se aproximou dois homens numa moto e com vários disparos por arma de fogo, assassinaram Paulo, que era conhecido como cabaré, a suspeita que seja acerto de conta. Familiares da vítima ainda chegaram a presenciar o corpo estendido com a cara na areia. Uma Ambulância do Atendimento Móvel de Urgência (Samu) esteve no local para socorrer a vítima para Hospital, mas os paramédicos testaram óbito do jovem que teve morte imediato da decorrência dos disparos. A Polícia Militar já está no local isolando área e aguardando a chegada da Perícia criminal com IML, após uma perícia feita no local o Cabaré já possuiu várias passagens na Polícia por roubo, droga, e tentativa de Homicídio. O corpo do jovem foi removido para Instituto Médico Legal, localizado no Bairro Frei Higino, Parnaíba.

No *blog folha de Parnaíba* (2017) é exposta a história de Ezequiel, 18 anos, pardo, solteiro, catador de lixo, onde no dia vinte e dois de setembro de 2017 sexta feira Ezequiel sai de casa cedo para área do aterro sanitário de Parnaíba na BR 402, no Bairro Alto Santa Maria. A vítima que residia no Conjunto Broder Viller, bairro Primavera, foi esfaqueado por Luís Felipe Sousa, de 23 anos, morador do Parque José Estevam.

O fato aconteceu por conta de um desentendimento entre o assassino e a vítima, e teria sido motivada por uma disputa de materiais colhidos no lixão para a venda. De acordo com as informações apuradas o autor do crime estava acompanhado de mais duas pessoas que seriam seus irmãos. Segundo a Polícia Militar, a vítima sofreu duas facadas, uma na região peito e outra no pescoço, suficientes para matar Ezequiel. O Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) esteve no local, mas apenas constatou o óbito. Felipe, acusado do homicídio, também foi ferido, porém foi ao Pronto Socorro Estadual Dirceu Arcoverde (HEDA) por meios próprios e lá seria submetido a procedimentos cirúrgicos. O Instituto Médico Legal (IML) fez a remoção do corpo da vítima. A Polícia Militar até o fechamento desta reportagem não tinha encontrado a arma do crime. Felipe seria aguardado após receber tratamentos médicos no HEDA para ser encaminhado a Central de Flagrantes para os procedimentos cabíveis.

Por conseguinte um homicídio trágico ocorrera com um idoso chamado Bernevaldo, de 72 anos, casado, taxista. De acordo com o *Blog Douglas Cordeiro* (2017) em

seis de abril de 2017, sexta-feira. Naquele dia o idoso saiu de casa como de praxe para mais um dia de trabalho, seu ponto fixo era na praça da graça em frente a Caixa Econômica Federal, pela manhã ocorreu tudo dentro das normalidades de sempre, voltou para a casa na hora do almoço e as 14 hs retornou novamente para seu ponto. Aproximadamente as 16hs dois jovens desconhecidos pegaram o táxi de seu Bernevaldo na Praça da Graça fingindo ser clientes e adentraram ambos na parte traseira do carro ao chegarem em frente ao Campus da UFPI anunciaram o assalto com um punhal apontando para o pescoço da vítima. Não se sabe se o mesmo tentou reagir, porém seu Bernevaldo foi encontrado morto com uma perfuração no pescoço. “Nas imagens de segurança que fica numa residência em frente a Universidade, mas nas imagens só aparece um criminoso, há suspeita e anunciaram o assalto na Avenida São Sebastião”, afirma o coronel. A arma utilizada pelos criminosos foi apreendida. A polícia já identificou um dos suspeitos, mas até o momento ninguém foi detido. O caso segue em investigação com a Polícia civil. O crime foi lavrado como latrocínio.

Todas as informações acima foram retiradas de sites e blogs locais e estaduais, além de alguns relatórios IML, que foram primordiais para se ter uma dimensão não só de nuances de como estão acontecendo esses homicídios, mas também a propaganda vendida pela mídia não no objetivo de chamar atenção da sociedade e do Estado, mas sim para ganhar audiência, independentemente da forma como os homicídios são noticiados, muitas vezes sem a censura das imagens.

Como é possível notar pelas descrições feitas pelos veículos de mídia locais, o perfil dos criminosos e vítimas se assemelham, levando as zonas periféricas da cidade, as condições socioeconômicas precárias. As drogas aparecem como um personagem marcante na narrativa, trazendo para o debate o modo como o tráfico se apropria dos espaços em que o Estado se faz ausente, tomando para si a posse da violência como instrumento de regulação do seu comércio. Em certo aspecto a brutalidade e violência que o tráfico emprega no “acerto de contas” pode ser observada como apropriação do que seria a “violência legítima” do estado onde este não estende sua influência.

Outro demarcador observado a partir dos gráficos e das notícias acima é o caráter passional por trás de muitos homicídios, especialmente quando a vítima é mulher, crimes que costumam ser efetivados com arma branca. Este dado salienta como o feminicídio enquanto subcategoria do homicídio também se apresenta como uma problemática dentro do município de Parnaíba, que dentro de sua conjuntura social e processo histórico de formação ainda apresenta uma população em grande parte conservadora.

A reação popular, é outro fator que merece destaque a partir das notícias apresentadas acima, como visto a revolta popular e o desejo de efetivar a “justiça” com as próprias mãos por vezes tem que ser controlada pelo aparato policial. Tal fato pode ser compreendido ao se observar que essa população que desacredita da capacidade de punição do Estado é justamente aquela que se constitui na maior vítima da criminalidade e também aquela que vive nas áreas mais desassistidas pelo poder público.

Dentro destes espaços, dessas áreas em que a segurança é sinônima de policiamento e não de uma série de fatores em conjunto, o direito ainda tem um caráter punitivo, como diria Durkheim (1990) e a violência se materializa como instrumento para “dar o exemplo” e não como meio de restituir a ordem social e os danos causados ao bem-estar coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência não é um fato novo na sociedade ou na história da humanidade, ela está enraizada em nossas práticas cotidianas, por vezes escondidas em sutis expressões que compõem nosso vocabulário ou mesmo estampada nas capas dos jornais e noticiários. O presente trabalho espera ter evidenciado um viés dessa violência que se materializa nos crimes de homicídio na cidade Parnaíba-PI, fazendo um paralelo com os índices nacionais agregando a isto um olhar sociológico sobre a violência que, longe de ser uma explicação para as condições de vida da população, aparece como sintoma, objeto a ser explicado em suas diferentes faces.

A partir da descrição das quantidades e modos de ocorrência dos homicídios foi possível identificar que a violência e, em especial o homicídio, não é um dado que aparece isolado, uma manifestação de algum extinto animal que ultrapassa os limites morais impostos pela cultura, mas que está intimamente relacionado a uma série de fatores sociais mais amplos que, costumam ser naturalizados pelo senso comum. Dentre tais fatores é válido ressaltar a desigualdade social, tráfico de drogas e a “guerra” que ele implica, a marginalização das periferias da cidade.

Nessa mesma lógica, demonstrou-se que as políticas públicas são fatores determinantes para o controle dos homicídios, não apenas as específicas em segurança punitivas, mas principalmente as preventivas, por exemplo, políticas voltadas a educação, esporte e lazer nas áreas de maiores incidências desse tipo de violência. Assim, sem deixar de lado as condições socioeconômicas e o desenvolvimento econômico do país ou região, as políticas públicas devem ser baseadas em metas, planejamento, cobrança de resultados, desse modo encontrando maior eco no combate a violência, sobretudo os homicídios.

Analisei a dinâmica dos homicídios em Parnaíba a partir de categorias como: idade, sexo, bairro e o tipo de arma utilizada, constatando que, apesar das variações dos números de cada ano analisado, ainda assim as taxas de homicídios nos quatro anos tomados como recorte estão dentro de uma lógica epidêmica segundo os critérios de razoabilidade adotados pela OMS, sendo que os anos 2014 e 2017 apresentaram aumento expressivo da violência homicida.

A juventude da periferia, em sua maioria do sexo masculino segue como a principal vítima dos homicídios em Parnaíba, ou seja, praticamente 95% dos casos de morte por agressão. Os homicídios atingem sobremaneira aqueles jovens entre 14 e 35 anos de idade na cidade, sendo a arma de fogo a principal causa dos ferimentos fatais.

É salutar reconhecer que no imaginário popular e no discurso policial que a segurança pública se constitui numa atividade que remete a uma lógica punitiva, na qual o

aumento do patrulhamento e reforço de contingente aparecem como as medidas cabíveis no combate a violência e criminalidade. A ausência de percepção da segurança como um resultado de confluência de diversos fatores evidencia uma problemática que permeia não só a cidade de Paranaíba, mas o próprio país: a ideia de que criminalidade é um problema moral e individual e não um produto das condições adversas de vida.

Obviamente, o percurso histórico tem demonstrado que o aumento de patrulhamento e contingente policial não tem se revertido em grandes resultados do ponto de vista de redução da violência, ainda que os percentuais nacionais demonstrem que o país alcança as primeiras posições nos índices de encarceramento mundial. O viés punitivo das políticas de segurança pública acaba por acometer principalmente o mesmo público que é esmagadoramente afetado pela violência: a população pobre, negra e das periferias.

A segurança pública é um fator de extrema importância para uma sociedade, para alguns autores clássicos da filosofia e da política ela é a própria justificativa da existência e instituição do Estado e se concretiza em pauta obrigatória nos planos de governo dos governantes. Para a democracia o bem público “segurança”, que está na raiz da formação do próprio estado moderno, é ponto básico sem a qual não existe liberdade, inclusive na hora de escolher os governantes (NÓBREGA JR, 2009b). Então uma grave crise em segurança é uma grave crise na democracia, pois esta existe a partir, basicamente, da garantia das liberdades civis, onde à vida é a principal delas. Por isso, altíssimas taxas de homicídios fragilizam a própria democracia.

A banalização da violência se manifestou como outro dado importante nesta pesquisa, uma naturalização enviesada em grande parte pelo apelo midiático que, vem encontrando na esfera da criminalidade e do homicídio um nicho específico para a obtenção de audiência, tal percepção nos leva a indagações que fomentariam ainda outros estudos, como por exemplo, a considerável recepção e audiência que os programas policiais e manchetes de crimes bárbaros conseguem obter da população. E o próprio papel da população que com o advento das mídias sociais passou a ser outro centro produtor de notícias.

O presente estudo não encerra o debate, nem esgota as hipóteses e implicações que a temática da violência faz surgir, no entanto, é possível reconhecer que a violência, seja na forma brutal do homicídio, ou em suas manifestações simbólicas, se caracteriza como um produto e não uma causalidade última dos problemas sociais, de um lado apesar de se afirmar que, a violência, a falta de segurança pública é uma ameaça a própria estrutura democrática, os dados e distribuição demográfica da violência, denunciam que, a ausência da democracia

manifestada nas políticas públicas para causalidade da violência, assim como está para símbolo de fracasso na organização das relações sociais.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. **A gestão urbana do medo e da insegurança: violência, Crime e Justiça Penal na Sociedade Brasileira Contemporânea.** Disponível em:

<<http://www.nevusp.org/downloads/down187.pdf>> Acesso em: 13 de nov. de 2017.

_____. Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea. **Jornal de Psicologia-PSI**, n. Abril/Junh, p. 7-8, 2002.

_____. Exclusão socioeconômica e violência urbana. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 84-135. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a05>> Acesso em: 11 de dez. de 2017.

_____. **O Monopólio Estatal da Violência na Sociedade Brasileira Contemporânea.** 2015. Disponível em:

<<http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/arquivo/2016/02/34bbcf74ba03ae8937993b54b50f2739.pdf>> Acesso em: 11 de dez. de 2017.

ARANTES, Rafael de Aguiar. A cidade do medo: segregação, violência e sociabilidade urbana em salvador. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n. 235, p. 45-73, 2015. Disponível em: <<https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/viewFile/24/21>> Acesso em: 13 de dez. de 2017.

ARENDT, Hannah. **Da Violência.** 3 ed. Rio de Janeiro: Delubio, 2004.

_____. **Da Violência.** São Paulo: Martins Fontes, 1968.

BECKER, Howard S. Uma teoria da Ação Coletiva. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

BLYTHE, Mark A. **Little brother: could and should wearable computing technologies be applied to reducing older people's fear of crime?"** Pers Ubiquit Comput, London, 2004, p. 402 – 415. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br.>> Acesso em: 23 de fev. de 2018.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação.** Campinas-SP: Papyrus, 1996

_____. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

BORGES, Rafael Henrique Maia et al. **Território, violência e criminalidade: uma análise geográfica sobre os índices de homicídios no bairro do PAAR em Ananindeua-PA.**

Disponível em: <

http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1468267933_ARQUIVO_Trabalho-Eng-Rafael,Robson,DeniseeLucas.pdf> Acesso em: 12 de dez. de 2017.

BRASIL, República Federativa. **Lei nº 10.826, de 22 de dezembro de 2003.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.826.htm> Acesso em: 17 de dez. de 2017.

VERDE, Portal Cidade. "**Gêmeo do crime**" é baleado e comparsa morto em troca de tiros no litoral do Piauí. Disponível em: <<https://cidadeverde.com/parnaiba/89874/gemeo-do-crime-e-baleado-e-comparsa-morto-em-troca-de-tiros-no-litoral-do-piaui>> Acesso em: 16 de mai. de 2018.

_____. **Quadrilha encapuzada atira em casa lotérica e faz dois clientes de reféns.** Disponível em: <<https://cidadeverde.com/parnaiba/81323/assaltante-que-fez-refens-na-loterica-de-parnaiba-e-autuado-por-seis-crimes>> Acesso em: 16 de mai. de 2018.

COELHO, Elza Berger Salema; GRÜDTNER, Anne Carolina Luz; LINDNER, Silva, Sheila Rubia. **Violência: definições e tipologias** Florianópolis; Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

CPRDEIRO, Douglas. **Taxista Morre Após ser Esfaqueado em Parnaíba.** Disponível em: <<https://www.douglascordeiro.com/cidades/pi/parnaiba/taxista-morre-apos-ser-esfaqueado-em-parnaiba-318055>> Acesso em: 13 de abr. de 2018.

DA SILVA, Jorge. **Segurança pública e polícia: criminologia crítica aplicada.** Rio de Janeiro: Forense, 2003. p. 638.

DAPP, Diretoria de Análise de Políticas Públicas. **Bala & Vidas Perdidas: o paradoxo das armas como instrumento de segurança.** Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/18338/DappReportArmasdefogo-3.pdf>> Acesso em: 18 de dez. de 2017.

DIAS, Maria Luz Vale. **A violência nas relações íntimas: associações com a confiança interpessoal e esperança.** Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/6234/1/12CongNacSaude_621.pdf> Acesso em: 12 de dez. de 2018.

ENDLICH, Ângela Maria; FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli. **Aumento da violência em pequenas cidades, sentimento de insegurança e controle social.** Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2014/Angela%20Maria%20Endlich%20revisado.pdf>> Acesso em: 8 de fev. de 2018.

PORTAL FOLHA DA PARNAÍBA. **Mulher é Assassinada na Frente dos filhos em Parnaíba.** Disponível em: <<https://www.folhadaparnaiba.com.br/noticias/mulher-e-assassinada-na-frente-dos-filhos-em-parnaiba-420503.html>> Acesso em: 8 de mai. de 2018.

FOUCAULT, Michel. **A Verdade e as Formas Jurídicas.** Tradução de Roberto Machado e Eduardo Moraes, São Paulo: Martins Fontes, 1966.

FRAGOSO, Heleno Cláudio. **Crimes contra a pessoa, crimes contra a vida: homicídio.** Disponível em: <http://www.fragoso.com.br/eng/arq_pdf/heleno_artigos/arquivo58.pdf> Acesso em: 18 de out. de 2017.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens Livres na Ordem Escravocrata.** 4 ed. São Paulo: UNESP, 1997.

FREITAS, Ernani Cesar; PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 3 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2004.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=EKlrj4yK1EsC&pg=PT53&lpg=PT53&dq=Em+certas>> Acesso em: 8 de jan. de 2018.

LIMA, Maria Luiza Carvalho de; SOUZA, Edinilsa Ramos de. **Panorama da violência urbana no Brasil e suas capitais**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v11s0/a11v11s0>> Acesso em: 8 de nov. de 2017.

LOPES, Liliane Roquete. **Segurança pública: uma questão social, legal e de polícia**. Disponível em: <<http://www.atenas.edu.br/Faculdade/arquivos/NucleoIniciacaoCiencia/REVISTAJURI2006/9.pdf>> Acesso em: 14 de dez. de 2017.

MISSE, M. **Violência e teoria social**. DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social – Vol.9 – no 1 – JAN-ABR 2016 – p. 45-63

MOURA, Erly Catarina de et al. **Desigualdades de gênero na mortalidade por causas externas no Brasil, 2010**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n3/pt_1413-8123-csc-20-03-00779.pdf> Acesso em: 15 de dez. de 2017.

NÓBREGA JÚNIOR, José Maria Pereira da. **Os Homicídios no Brasil, no Nordeste e em Pernambuco: dinâmica, relações de causalidade e políticas públicas**. Tese (doutorado). Recife: O Autor, 2010.

NÓBREGA JÚNIOR, José Maria P.da. **Semidemocracia brasileira: as instituições coercitivas e práticas sociais**. Recife: Nossa Livraria Editora, 2009.

ODÁLIA, N. **O que é violência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

OLIVEN, Ruben George. **Violência e Cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2010.

PERES, Maria Fernanda Tourinho. **Violência por armas de fogo no Brasil - Relatório Nacional**. São Paulo, Brasil: Núcleo de Estudos da Violência, Universidade de São Paulo, 2004

PIAUI, Visão. **Homem é assassinado a tiros no Litoral do Piauí**. Disponível em: <<http://www.visaopiaui.com.br/noticia/3784/homem-e-assassinado-a-tiros-no-litoral-do-piaui>> Acesso em: 8 de mai. de 2018.

PORTAL 180 GRAUS. **Ex-presidiário é assassinado a tiros no Litoral do Piauí**. Disponível em: <<https://180graus.com/ronda-180/ex-presidiario-e-assassinado-a-tiros-no-litoral-do-piaui>> Acesso em: 8 de mai. de 2018.

_____. **Jovem é assassinado a tiros no bairro Santa Luzia em Parnaíba.** Disponível em: <<https://180graus.com/ronda-180/parnaiba-surpreendido-por-atiradores-jovem-e-assassinado-com-tres-disparos>> Acesso em: 16 de mai. de 2018.

SAADI TOSI, Lamia Jorge. **A banalização da violência e o pensamento de Hannah Arendt: um debate ou um combate?.** Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/levs/article/view/7022/4507>> Acesso em: 16 de out. de 2017.

SALLA, F. Os impasses da democracia brasileira: o balanço de uma década de políticas para as prisões no Brasil. Revista Lusotopie, Paris, v. 10, p. 419-435, 2003.

SEPULVEDA, Denise Vilche. **A Banalidade do Mal:** o excesso de violência na mídia. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/01/Denise-Vilche-Sepulveda-FCL.pdf>> Acesso em: 18 de out. de 2017.

SOARES, Luiz Eduardo. Violência e política no Rio de Janeiro/Luiz Eduardo e colaboradores-Rio de Janeiro:Relume Dumará:ISER,1996.

SILVA, Enio Waldir da. **Sociologia da violência.** 4 ed. Ijuí: Unijuí, 2008.

SOUZA, Luís Antônio Francisco de. **Sociologia da Violência e do Controle Social.** Curitiba: IESDE Brasil S.A. , 2008.

TELLES, Vera da Silva. **A Cidade nas Fronteiras do Legal e do Ilegal.** 3 ed. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

VIANNA, Oliveira. **Instituições políticas brasileiras.** Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1999.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia.** Rio de Janeiro: Editora S.A., 1982

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros – 2007,** Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana, RITLA, Instituto Sangari, Ministério da Saúde e Ministério da Justiça.

_____. **Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros – 2008,** Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana, RITLA, Instituto Sangari, Ministério da Saúde e Ministério da Justiça.

_____. **Mapa da Violência Homicídios por arma de fogo no Brasil – 2016,** Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana, RITLA, Instituto Sangari, Ministério da Saúde e Ministério da Justiça.

WIEVIORKA, M., O Novo Paradigma da Violência. Tempo Social. **Tempo Social;** Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 9(1): 5-41, maio de 1997.

ZALUAR, Alba. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. **São Paulo Perspec.** vol.13 no.3 São Paulo July/Sept. 1999. Disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000300002> Acesso em: 14 de dez. de 2017.